

DJALMA MOTTA ARGOLLO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O SERMÃO DO MONTE

Djalma Moita Argollo

DEDICATÓRIA

A Ânisio de Brito Neves Incansável divulgador da mensagem espírita, que pôs a Bahia no calendário nacional de eventos doutrinários, toda minha gratidão e amizade.

Antelóquio

A Doutrina Espírita está indissoluvelmente vinculada às lições de Jesus pela sua própria característica fundamental de paráclito, prometido pelo Mestre, conforme podemos verificar pelos capítulos 14 a 16 do Evangelho segundo João. Vejamos o que diz Allan Kardec sobre o assunto: “(O Espiritismo) como moral é essencialmente cristão, porque a doutrina que ensina nada mais é que o desenvolvimento e a prática daquela do Cristo, a mais pura dentre todas, cuja superioridade ninguém contesta, prova evidente de que é a expressão da lei de Deus (O Espiritismo em sua mais simples expressão, décima segunda edição, 1990, Edicel, Sobradinho - DF. Destaque nosso), e ainda: “Graças às comunicações estabelecidas doravante de uma maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, não será mais letra morta, porque cada um a compreenderá, e será incessantemente solicitado de a por em prática por conselho de seus guias espirituais. As instruções dos Espíritos são, verdadeiramente, as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e os convidar à prática do Evangelho (L’Évangile Selon le Spiritisme, 1866, troisieme edition, (reprodução fotomecânica), FEB, 1979, pag. VI’). Nos eximimos de mais citações pois estas são suficientes, porque comprovadas pela prática Espírita, desde então.

Desde o lançamento do nosso primeiro livro, “Encontro com Jesus, resolvemos empreender um estudo sobre os textos básicos do Cristianismo, o que iniciamos com “O Novo Testamento: um enfoque Espírita”, e damos prosseguimento com esta obra. Ela representa um ensaio de exegese Espírita, abrangendo o Sermão do Monte, do Evangelho segundo Mateus e o seu similar do Evangelho segundo Lucas, O Sermão da Planície. Para atingir o fim proposto procuramos, num esforço autodidata, aprender alguma coisa do grego Koiné, bem como consultar os trabalhos dos mais importantes críticos neo-testamentarios do momento. Sem duvida, o livro se ressentir de uma formação acadêmica especializada, já que nossa formação universitária é de Estatística, Análise de Sistemas, além de estudos de Sociologia e História. Ao mesmo tempo,

o não compromisso universitário com a área nos põe a distância do academicismo, geralmente tão prejudicial à criatividade pelos preconceitos e prejuízos cristalizados, além da vinculação a um sistema cultural ortodoxamente limitador. Os estudos de crítica e exegese Bíblicos estão constringidos por férreos modos de expressão, consolidados ao longo desses dois mil anos de Cristianismo. Os especialistas pensam de acordo com padrões predeterminados, comprometidos com tradicionalismos sufocantes. Isto é muito natural, pois o pensamento religioso é sempre ultra-conservador, e mudanças nele só ocorrem de forma mínima, requerendo séculos para se realizarem. De uma forma geral, os críticos partem de premissas que prejudicam suas análises. Negam a existência de quaisquer fatos psíquicos, acoimando-os de “mitos, lendas piedosas, “superstições, “alucinações ou, simplesmente, “invenções, como se poderá ver em nosso livro “O Novo Testamento: um enfoque espírita”, publicado por esta editora em outubro de 1992. Allan Kardec, coordenado pelos Espíritos Codificadores, utilizou o dinamismo heraclítico do Espiritismo para iniciar uma renovação no campo da hermenêutica e exegese Bíblica. Criticando a verdade cristã, tanto do Antigo como do Novo Testamento, promoveu uma abertura para a criação de uma crítica escriturística independente e baseada nas premissas comprovadas da existência do Espírito, do Mundo Espiritual, da Reencarnação e da Comunicabilidade dos mortos. A mediunidade se apresenta como uma ferramenta preciosa na busca da verdade residente por detrás dos textos sagrados, além de outros procedimentos surgidos graças à Doutrina Espírita como, por exemplo, a regressão de memória, que já é utilizada como recurso terapêutico no campo da Psicologia. Ao empreendermos este trabalho, procuramos, dentro de critérios lógicos, proceder a uma leitura dos textos originais, totalmente descompromissada com o ortodoxo e tradicional. E isto, graças à liberdade de pensamento facultada pelo Espiritismo. Nossa ambição é chegar a uma tradução completa do Novo Testamento, absolutamente liberta do ranço escolástico, vinculado a interesses religiosos nem sempre nobres. Os livros “Cristianismo: A mensagem esquecida” e “O Evangelho de Tomé”, do erudito irmão Hermínio Miranda, nos trouxeram grande alegria, pois verificamos que vai surgindo uma nova perspectiva de análise e compreensão do Cristianismo e seus textos fundamentais. Já é hora do Movimento Espírita se atualizar no que de mais novo existe sobre o Novo Testamento e seu contexto histórico e lingüístico, pois o que se vinha fazendo até então era repetir o pensamento tradicional, buscando compatibilizá-lo com os princípios doutrinários. Na verdade, o de que carecemos é da elaboração de uma hermenêutica, uma exegese e uma teologia espírita, sem que venham a se tomar dogmáticas e constringentes, mas que respeitem o livre exame que somente a Doutrina Espírita conseguiu implantar nos domínios da religião.

Prefácio

Duas figuras revolucionárias no mundo ocidental, marcaram indelevelmente suas presenças no campo do desenvolvimento moral e espiritual de seus povos, no decurso dos últimos milênios. É Moisés travando a grande batalha para a retirada dos seus contemporâneos, do caos das primeiras civilizações vividas pelo povo Hebreu, marcadas por um politeísmo ingênuo, e um descabido pretensiosismo no pretender atrair o Senhor Deus, como aliado, em suas disputas pessoais sobre questiúnculas do seu pequenino universo. Conseguiu, o predestinado Patriarca, especialmente, dois tentos dignos de registro: por seus dotes medianímicos, trazer aos homens o Decálogo - uma base de princípios morais da Lei divina; e implantar, no coração do seu povo, a receptividade para o Monoteísmo. Na seqüência histórica, surge Jesus na condição de Emissário Especial do Pai Eterno, vindo ao nosso mundo assentar as balizas para uma nova civilização - a Civilização Espiritualista -, um marco decisivo para o verdadeiro progresso da humanidade terrena. Sim, a era do Espiritualismo que está sendo trabalhada já há dois milênios, confiada ao Mestre Galileu, com vistas à Fraternidade Universal.

Com efeito, a predominância materialista chega ao fim e o materialismo selvagem há de ser batido da face da Terra. E sabido que o Cristianismo do Cristo (1) desfraldará a bandeira da Fraternidade sobre os homens, abrigando gregos e troianos sob a égide da Paz e do Amor. Em seu Evangelho, o Mestre nos dá a Mensagem Salvadora que estremece os homens, na proporção em que vão percebendo a excelência dos seus ensinamentos. Ali está traçada a diretriz que conduzirá a humanidade aos níveis mais altos de sua ascensão.

Pensadores ilustres, daqui e dAlém, manifestam-se compreensivos ante a "Boa Nova" do Cristo: "O Evangelho não é o livro de um povo apenas, mas o Código de Princípios Morais do Universo, adaptável a todas as pátrias, a todas as comunidades, a todas as raças e a todas as criaturas, porque representa, acima de tudo, a carta de conduta para a ascensão da consciência à imortalidade" - André Lpiz - Mecanismos da Mediunidade - cap. XXVI.

"O Evangelho é o método de harmonização universal; nele, como em nenhuma outra parte, transparece a Divindade

na poesia sublime do Seu Amor - Pietro Ubaldi - Ascese Mística - cap. VIII. O Evangelho de Jesus é, portanto, o aprendizado na Terra, para se atingir os planos superiores do céu. Divulgá-lo, levando-o ao palácio ou à palhoça, ao crente ou ao ateu é tarefa nobre de solidariedade humana. Nesse mister encontra-se o nosso estimado companheiro e ilustre confrade Djalma Motta Argollo, com este trabalho de aprofundamento na apreciação da Mensagem do Cristo, intitulado - O Sermão do Monte. Uma esplêndida contribuição de estudioso e pesquisador na busca da Água Viva em seu esplendor.

Amparado em abalizados subsídios históricos e literários, o Autor revela ao seu público os critérios e caminhos utilizados para o trazimento da "Boa Nova" até nós. Nisso ele se aprimora, como mestre no

conhecimento da história, da significação e da gra Ao explicar sobre o “Sermão do Monte”, Djalma transmite-nos com limpidez a sabedoria dos conceitos ali emitidos e interpreta-o muito bem quando afirma com segurança e oportunidade: “O Sermão do Monte é o documento básico da Nova Civilização que Jesus veio implantar na Terra”. Essa é uma demonstração da nítida visão das Leis Superiores, de quem confia na evolução e no progresso dos povos e do mundo. O Autor admite a Nova Civilização como fruto da Doutrina Cristã, mas observa sensatamente: “Ela só será possível, quando assimilarmos e vivermos o seu conteúdo integralmente”. E reforça a lógica do seu pensamento quando menciona: “Todas as mensagens da Espiritualidade Maior, desde Hydesville até Uberaba, têm instado para que façamos a integração perfeita entre os conceitos crísticos e nossa vida cotidiana, como algo urgente”. Realça portanto, sabiamente, a necessidade de participação do homem no processo de sua evolução e progresso moral e espiritual, ou seja, na construção do seu futuro maior, o que, em termos ortodoxos, considerar-se-ia como sendo a sua ‘salvação’. No caso em pauta, não de graça pela “Graça”, todavia, pelo esforço próprio, pelo mérito de sua auto-renovação, por força de suas virtudes, o que condiz plenamente com os princípios evangélicos, expressos em várias passagens da “Boa Nova” do Cristo, especialmente em as Bem-aventuranças com que Jesus iniciou o portentoso “Sermão do Monte” (Mt 5, 1-12). Em sua posição de cristão consciente e, por isso mesmo, de Espírita convicto, o ilustre confrade destaca, em seu bem elaborado trabalho, conceito defendido pelo Cristianismo Redivivo à luz do bom senso, afirmando: “A Doutrina Espírita, resgatando os Evangelhos, afirma, com o Cristo, que ninguém é “sa a cada instante, os ensinamentos que ali se encontram, numa luta incessante e corajosa”. E assim, sustenta, consciente, que argumentos defensores da “lavagem dos pecados com o sangue do Mártir do Calvário, tanto quanto da teoria da Salvação pela”, graça, não possuem qualquer fundamento lógico Tudo isso, efetivamente, concorda com o necessário cultivo das virtudes, observado por Jesus: “Se a vossa virtude não sobrepujar a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus (Mt 5, 20). E ainda quando encarece a necessidade do esforço próprio, quando adverte: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçosa é a via que leva à perdição. (Mt 6, 13).

Um agudo senso conclusivo revela Djalma, ao deduzir: “Tudo isto é ininteligível para quem só se preocupa com a felicidade possível de ser fruída neste mundo, a qualquer preço, atarrachado a um materialismo sufocante e egoísta”. Apreciável, pois, este O Sermão do Monte, fruto do estudo, da pesquisa e do bom senso, um trabalho de difusão de luzes sobre um mundo castigado ainda pelas trevas. Parabéns a Djalma Motta Argollo. Parabéns.

Saul Quadros

Vitória da Conquista, outubro de 1992.

(1) A sutileza da colocação do estimado irmão Saul Quadros sublinha o paradoxo fundamental que vivemos: o Cristianismo em voga nada tem haver com o Cristo, a não ser a derivação do nome. De resto, seu nome, ícones, palavras e ações são incluídos, de modo da simplicidade, pureza e estatura espiritual do Rabi Galileu. Iluberto Rohden (1894-1981), o notável espiritualista catarinense, afirmava que, se o Cristo voltasse à Terra, sua primeira atitude seria reunir a imprensa mundial para uma entrevista coletiva. Nela faria a seguinte e única afirmativa: “Quero esclarecer a todos que eu não sou cristão. A função precípua do Espiritismo é resgatar o Cristo Galileu, na beleza dos seus ensinamentos, completamente desataviado dos perfunctórios e dispensáveis cessórios criados por homens ambiciosos e fanáticos, para referendarem suas paixões indignas e degradantes.

Introdução

Os Espíritos e os ensinamentos de Jesus.

Desde os primórdios do movimento mediúnico atual, que teve seu marco zero em 31 de março de 1848, os Espíritos repetem e divulgam os ensinamentos de Jesus. Arthur Conan Doyle, na sua “The History of Spiritualism” (publicado pela Editora Pensamento sob o título produzido por Espíritos que, em 1837, começaram a se manifestar durante o culto nas comunidades Shakers, dos EEUU. Os Espíritos anunciavam sua chegada com batidas à porta, que eram abertas por dois presbíteros, tendo início a incorporação dos médiuns da comunidade. Os visitantes principais eram índios Peles Vermelhas, que se apresentavam em grupos ou tribos. Passaram a ser evangelizados (hoje dizemos doutrinados), em suas línguas originais. Esse intercâmbio durou até 1844, quando os Espíritos anunciaram que não mais se comunicariam, mas que voltariam em breve, invadindo o mundo “e tanto entrariam nas choupanas quanto nos palácios. Quando, quatro anos depois, começaram os fenômenos com as irmãs Fox, Elder Evans e 28 outros membros dos Shakers foram visitá-las em Rochester, sendo recebidos por ruidosa multiplicidade de raps. Por comunicação tipológica, lhes disseram que ali se iniciava o trabalho que haviam predito (cap. II).

Portanto, os indígenas que se tornariam depois guias dos grandes médiuns de efeitos físicos, e inteligentes, dos EEUU e Europa, tiveram uma preparação evangélica prévia. Desde então, todos os Espíritos que se têm comunicado conosco trazem uma mensagem de fundo absolutamente cristão, incentivando os homens à prática dos princípios ensinados pelo Mestre Galileu (ver sobre o assunto o nosso livro “O Novo Testamento: um enfoque espírita” - Livraria, Editora e Distribuidora Mnêmio Túlio - onde estudamos os motivos sociológicos, psicológicos e históricos desta situação). A Doutrina Espírita, que se iniciou em 18 de abril de 1857 com a publicação de “O Livro dos Espíritos, foi anunciada, desde o início do trabalho de Allan Kardec, como o Consolador prometido por Jesus (segundo anotações de João Evangelista

nos caps. 14, 15 e 16 do seu Evangelho). O coordenador da equipe codificadora no mundo espiritual se apresentou sob o nome de “Espírito da Verdade, como Jesus prognosticara. No Brasil, onde o Espiritismo encontrou o seu leito natural de desenvolvimento, consolidou-se a estruturação evangélica da Doutrina, que começara com a publicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo, em 1864. Graças a isso, a comunidade brasileira conheceu apóstolos da mensagem cristã, cuja grandeza rivaliza com os mais notáveis do Cristianismo primitivo. Com o advento de Francisco Cândido Xavier, o mais profícuo médium de todos os tempos, a palavra do Mestre instalou-se definitivamente no edifício da Nova Revelação, dando-lhe a característica de “Cristianismo Redivivo. Emmanuel, a nobre entidade que dirige os trabalhos do interexistente mineiro, é o responsável por este posicionamento, o que lhe vale o Quando começaram a se projetar no mundo os trabalhos de Transcomunicação Instrumental, muitos cientificistas apressados julgaram poder afastar, definitivamente, a religiosidade dos arraiais Doutrinários. Hoje, contudo, que começam a chegar ao Brasil, com o costumeiro atraso, as publicações dos mais importantes experts da nova modalidade de comunicação mediúmica, vemos os Espíritos encarregados do assunto, no mundo espiritual, repetirem o que o Espiritismo vem dizendo há mais de um século, no respeitante à postura mental e ética dos que se entregam a tais experiências - que, se conduzidas sem o necessário respeito, recolhimento e prece, levam à obsessão e à mistificação (veja-se Transcomunicação de Theo Locher e Maggy Harsch - Editora Pensamento -, e Transcomunicação Instrumental de Karl W. Goldstein - pseudônimo de Hernani Guimarães Andrade - Coleção Folha Espírita). Nos livros citados vêem-se, igualmente, que os Espíritos transcomunicantes defendem a aplicação dos princípios morais do Cristo, apontando-os, como sempre fizeram os mentores espirituais pelos médiuns, como único caminho para conduzir a Humanidade a um futuro de harmonia, fraternidade e paz.

O Sermão do Monte: síntese dos ensinamentos de Jesus.

O Sermão do Monte é a espinha dorsal do Cristianismo.

Representa uma síntese magistral dos ensinamentos de Jesus, a Carta Magna da Civilização Cristã que um dia será implantada na Terra. Sua exegese abrange dois grandes momentos: o formal, quando se estudam suas características exteriores e modo de composição, e o substancial, que busca o significado real de cada sentença e a maneira de transformá-lo em ato no cotidiano da existência. Para melhor compreender esse monumento de ética religiosa empreendemos sua tradução, partindo do texto grego e aplicando-lhe os conhecimentos trazidos pela Doutrina Espírita, chave necessária para se entender Jesus e seus ensinamentos.

Dos evangelistas, somente Mateus e Lucas se referem, especificamente, ao Sermão do Monte. Os outros trazem os seus ensinamentos distribuídos ao longo da exposição, sem destacá-los de forma concisa e agregada. Por que Marcos e João deixaram de mencionar esta pregação de Jesus não o sabemos. Talvez não achassem necessário aos fins que tinham em vista ou, simplesmente, não tenham querido repetir o que outros já haviam escrito. Só o saberemos no futuro, quando uma pesquisa sobre a

época de Jesus, utilizando os recursos da regressão de memória ou da clarividência no passado (psicometria), permitir um levantamento detalhado, sistemático e completo do processo de formação dos Evangelhos.

O Sermão do Monte e a Crítica Neo-testamentária.

O Sermão do Monte, tanto em Mateus como em Lucas, não representa a cópia fiel de um discurso feito por Jesus num determinado dia e local. Ele é formado por um núcleo original representado principalmente pelas Felicidades, ao qual foram agregados, pelos evangelistas, uma série de frases e sentenças ditas pelo Mestre em diversas ocasiões e locais. Os elementos formadores do sermão, tanto no atual Evangelho segundo Mateus como no segundo Lucas, parecem provir de fontes muito antigas e de comunidades cristãs primitivas diversas como “Q (do alemão *quelle*=fonte), tudo que é comum aos dois, M, o que é próprio de Mateus e “L, o que é exclusivo de Lucas.

Comparando as duas narrativas encontramos que, dos 107 versículos do Sermão de Mateus, Lucas possui apenas 30. Das oito felicidades de Mateus, Lucas reproduz só quatro. Lucas insere quatro aís, em oposição às felicidades, que não são mencionados por Mateus. O Pai Nosso, colocado por Mateus no Sermão, em Lucas faz parte de um contexto diferente e é por ele, igualmente, resumido. Os outros elementos adicionados por Mateus encontram-se dispersos por todo o Evangelho segundo Lucas. Cada um dos dois evangelistas trabalhou suas fontes de acordo com critérios específicos, para atender objetivos doutrinários diferentes. Isto deve ser levado em conta quando se analisa os Evangelhos em geral, e o Sermão do Monte em particular. As diferenças entre os discursos são devidos aos fins intentados pelos dois escritores do Cristianismo nascente. Deixando de lado o estudo formal do texto, que tem sua importância, passemos à análise do que ele representa. Teólogos das diversas denominações oriundas do Cristianismo (Igreja Ortodoxa Grega, Católica Romana, Maronita, Copta, Ortodoxa Russa), se vêem em grande apuro para, dentro do contexto dogmático a que estão agrilhoados, definirem o sentido do Sermão do Monte.

Subordinados que estão ao constringente dogma da graça, segundo o qual a salvação só se dá com o apelo de auto-aperfeiçoamento, explicitado nele. Joachim Jeremias, no seu esclarecedor livreto *O Sermão da Montanha*, publicado pelas Edições Paulinas, faz um resumo das tentativas dos pensadores cristãos para explicar o sentido do Sermão, em três argumentações principais: a perfeccionista, a do “ideal inatingível e a de “uma ética de emergência. A concepção “perfeccionista, exposta, segundo Jeremias, por Hans Windisch, professor de exegese neotestamentária de Halle, em seu livro *Der sinn der Bergpredigt* (O sentido do Sermão da Montanha), diz que, havendo Jesus dado simples mandamentos, no sermão, aos seus discípulos, esperando que fossem obedecidos e cumpridos, isto caracterizaria perfeccionismo moral e um conceito legalista. Windisch o aceita, convidando seus leitores a se libertarem da exegese paulinizante a que todas as correntes cristãs estão escravizadas...Seremos

forçados a admitir que a ética do Sermão da Montanha é uma ética de obediência, como a do Antigo Testamento. No Sermão, nada se diz da incapacidade do homem de fazer o bem, nem se fala da função medianeira de Jesus da redenção por seu sangue. Mais ainda, do ponto de vista de São Paulo, de Lutero e de Calvino, seu conteúdo é abertamente herético, pois se trata de um perfeccionismo, duma justiça mediante as obras. Isto é Lei e não Evangelho. (J. Jeremias, op. cit., pags. 6 e 7) (os destaques neste e nos outros pontos, são nossos). Apreciando esta posição já vemos o quanto os cristãos se distanciaram do Cristo. Mais valem as elucubrações dos seguidores do Mestre, do que os ensinamentos dele próprios. Porque Paulo e outros discípulos, dentro dos seus vieses e condicionamentos, inventaram uma série de conceitos sobre a salvação mediante uma vampiresca lavagem de pecados com o sangue do Mártir do Calvário, ou pela vontade arbitrária de um Deus prepotente e arrogante, seus ensinamentos passam a ser heresias, assim se acham desobrigados das vivências de sua pregação.

No Sermão, nada se diz da incapacidade do homem de fazer o bem, simplesmente porque não existe tal incapacidade, como demonstram os exemplos maravilhosos contidos na história da humanidade, em todos os povos e em todas as épocas. Ser bom e fazer o bem é uma imposição para o crescimento espiritual. Naturalmente isto se dá gradualmente, num perene exercício psicológico, onde a repetição termina por gerar um automatismo de atos e pensamentos, cada vez mais aprimorados. É um processo cheio de idas e vindas, de quedas e soerguimentos, pois se trata de modificar reflexos condicionados adquiridos em longos milênios de milênios. É a construção de novos instintos; impulsos inconscientes de tolerância, fraternidade, perdão, altruísmo, fé, renúncia e amor.

Quando Jesus diz: “Sede perfeitos, portanto, como o vosso Pai celestial é perfeito” (Mt 5, 48), está indicando a necessidade de um esforço continuado de auto-aperfeiçoamento, pois oferece um modelo logicamente inatingível, mas cuja perfeição deve ser o paradigma fundamental de todos nós. O ideal inatingível (Unerfüllbarkeitstheorie), “é a “ resposta apresentada pela ortodoxia luterana que não apenas teve lugar de destaque nos últimos séculos, mas encontra ainda hoje numerosos partidários.

Não podemos ler com seriedade o Sermão da Montanha - diz esta segunda teoria - sem ficarmos desesperados. Jesus exige que nos libertemos de toda cólera: uma simples palavra ofensiva merece a pena de morte. Jesus exige uma castidade que evite até mesmo o olhar impuro. Jesus exige a veracidade absoluta, o amor ao inimigo. Quem vive assim? Quem consegue viver assim? Quem pode satisfazer tais exigências? Em continuação: “É um grande erro - diz ela - julgar realizável o Sermão da Montanha.

O que Jesus prega é impossível de se praticar e ele bem o sabe. Logo, Jesus “quis dar a entender a seus ouvintes que, por suas próprias forças não podiam satisfazer às exigências de Deus. Tencionava levá-los, pela experiência de sua incapacidade, a desesperar de si mesmos. Suas exigências tendiam a quebrar a nossa auto-suficiência e nada mais do que isso visavam (op. cit. pags. 12 a 14). Realmente, Jesus teria, então,

sido um grande embusteiro.

Mentia, inclusive, quando afirmava: Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, será comparado a um homem sensato... (Mt 7, 24). Era apenas uma brincadeirinha, queria que todos se frustrassem para ai sim, descobrirem para a salvação por vias ritualísticas. Segundo tais "ideólogos, o Evangelho não passa de uma grosseira mistificação... Quanto à ética de emergência: "Esta interpretação foi exposta no fim do século passado por Johannes Weiss em seu livro 'Die Predigt vom Reich Gottes' (A Pregação do Reino de Deus), publicado em 1892, bem como nas obras de Albert Schweitzer, quando era moda o protestantismo cultural (Kulturprotestantismus).

"O que Jesus prega - dizem - se funda na terrível gravidade do momento. É iminente a crise suprema: o tempo presente é a hora da opção (op. cit. pags. 16 e acontecer, mas que acabou não acontecendo. Mais um escamoteamento da verdade, como não houve o tal juízo, o Sermão do Monte perdeu toda a validade, e nós não temos obrigação de seguir os ensinamentos de Jesus. É imensamente triste verificar o quanto nós, cristãos, nos afastamos do Rabi Galileu. Dogmas e superstições são mais importantes do que sua mensagem. A Doutrina Espfrita, resgatando os Evangelhos, afirma, com o Cristo, que ninguém é salvo, mas cada um é que promove a própria salvação, se esforçando por viver a cada instante os ensinamentos evangélicos, numa luta incessante e corajosa. Que isto é possível o provam as biografias de centenas de lídimos seguidores de Jesus, tanto do passado quanto do presente: Paulo, Pedro, João, Maria de Magdala, os milhares de mártires, anônimos ou não, Francisco de Assis, Clara de Assis, Bernardo de Quintavale, Egídio, Pedro de Cattani, Junípero, Antonio de Pádua, e vários outros discípulos do Poverello, Tereza d'Avila, Allan Kardec, Eurípedes Barsanulfo, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Francisco Cândido Xavier, e tantos outros, são a prova cabal da possibilidade de uma vida nos moldes preconizados e exemplificados pelo Nazareno. Questionamentos pessimistas como os retro-mencionados, são culpados pela degeneração dos ideais cristãos em tribunais de inquisição, com seus processos criminosos e iníquos, em guerras cruéis como as cruzadas, em massacres covardes como os das populações Aztecas e Incas, em sangrentas matanças como a da Noite de São Bartolomeu, em absurdos como a aniquilação dos Albigenses, em assassinatos coletivos de Calvino em Genebra e episódios similares, de que a História está repleta. As cartas paulinas, principalmente, forneceram elementos para a formação da estrutura dogmática das religiões ditas cristãs. Ao escrevê-las, o Apóstolo dos Gentios criou o vocabulário e os conceitos básicos da teologia cristã, para resolver problemas não elucidados, diretamente, da mensagem de Jesus por territórios não judeus: homens e pela palavra do Cristo e que haviam surgido com a difusão mulheres que se tomavam cristãs, mas os cônjuges continuavam politeístas; comer carne de animais que haviam sido sacrificados aos ídolos, o homossexualismo, o adultério ritualístico, a permissividade sexual, a superstição idolátrica, o uso dos carismas (faculdades mediúnicas), a existência do corpo espiritual (perispírito), a personalidade de Jesus e seu

significado espiritual para os homens, suas relações com Deus, sua sobrevivência à morte e o significado desta morte, etc.

No caso dos carismas, que ocorriam nas reuniões da comunidade cristã, Paulo classificou-os, traçando normas disciplinares para exercício e correta realização do intercâmbios espiritual (ver PCor 12-14). Paulo, contudo, foi, senão o criador, pelo menos o divulgador da Teoria da Graça, causadora maior das distorções ideológicas sofridas pelo Cristianismo. Ela nasceu da incapacidade do Grande Divulgador de entender o que se passou consigo próprio que, Perseguidor e assassino dos seguidores do Mestre, foi por ele chamado para o apostolado.

Isto o levou a magnificar o conceito veterotestamentário de que só a vontade divina é prevalecte, e não o esforço do homem, ou seja, ninguém se transforma por decisão e vontade desejo individual. Já a anedota bíblica de Caim e Abel (Gn 4, 1-16) coloca Deus como um arbitrário e suscetível reitelete oriental, aceitando ou rejeitando as homenagens de seus súditos conforme o humor do momento, o que é incompatível com a imagem Dele feita por Jesus, quando O afirma Pai Misericordioso, Justo e Bom. Paulo ficou desnortado com o que lhe aconteceu: perseguidor implacável dos cristãos, cúmplice de um assassinato e culpado da tortura de inúmeras pessoas (“Eu, de minha parte, julgara-me um dia no dever de fazer a maior oposição ao nome de Jesus Nazareno. E o fiz em Jerusalém, onde encarcerei muitos santos com o poder que tinha dos príncipes dos sacerdotes. E quando se tratava de executá-los, dava o meu voto. Muitas vezes, de sinagoga em sinagoga, eu os obrigava, por força de castigos, a blasfemar e, louco de furor, os persegui até em cidades estrangeiras. At 26, 9-11), foi, apesar de tudo, convocado pelo Mestre, às portas de Damasco, para uma missão grandiosa, que cumpriu fielmente. Não há no episódio, todavia, nenhuma gratuidade. Ele possuía as necessárias qualidades de caráter e conhecimento para o trabalho, bem como enfiatura moral. Havia se colocado, por natural erro de educação, na defesa de idéias e ideais que pressupunham a violência como método normal de auto-preservação (“Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu filho de hebreus; quanto ao zelo, perseguidor da Comunidade; quanto a retidão que há na Lei, irrepreensível (Fil 3, 4-6). Além do mais, as criminosas arbitrariedades que segundo suas próprias palavras: “Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigo por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos! (2ECor 11, 23-26). Aliás o Cristo já o antecipara a Ananias:”Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome (At 9, 16). Paulo foi chamado para o serviço cristão como o foram Mateus e Zaqueu, defraudadores dos seus irmãos como cobradores de impostos, Maria de

Magdala, cortesã (segundo a tradição) e obsediada, Simão, que participava do partido dos zelotas, terroristas fanáticos, e tantos outros em igual ou pior situação. Vemos, pois, que, sem muitos artifícios e sofismas teológicos, a concepção da “graça” não possui qualquer fundamento lógico. O Dr. Martyn Lloyd-Jones, pastor de Westminster Chapel, Londres, faz uma crítica honesta das posições encontradas em sua área, escrevendo ser possível se exagerar tanto a importância da graça divina, em prejuízo da lei, que daí resulte que não seja o Evangelho do Novo Testamento. Assim, quando se diz que, por se estar debaixo da graça não se tem mais nada com a lei, podendo esquecê-la, não corresponde às doutrinas bíblicas. Sem dúvida, admite o ex-cardiologista, não se está mais debaixo da lei, mas sim, sob a graça. Isso, contudo, não implica que não se necessite observar seus princípios. Não se permanece mais sob a lei, dentro do sentido dela proferir juízos condenatórios a nosso respeito. Entretanto nos compete viver os princípios básicos da lei, devendo mesmo superá-los. Prossegue, salientando que Jesus guardou a lei, vivendo de conformidade com ela. Mas, como ressalta o próprio Sermão do Monte, a nossa retidão deve superar as dos escribas e dos fariseus, pois Jesus não veio aboli-la, a lei; tudo o que nela está precisa ser vivido e aperfeiçoado. Muitos, todavia, têm esquecido isso, ao tentar criar uma antítese entre a lei e a graça; o resultado é que, geralmente, homens e mulheres ignoram, absolutamente, a lei (ESM, pags. 11-12). É, pois, alguém do “ramo”, que aceita o dogma absurdo da graça, quem explicita os imensos prejuízos que ela vem causando ao Cristianismo, não só de hoje, mais de todos os tempos.

O Sermão do Monte: texto básico da vida cristã.

O Sermão inicia estabelecendo, em axiomas fundamentais, as diferenças inconciliáveis entre o modo de vida cristão e o vigente no mundo, desde os pródromos da Civilização até os nossos dias. As felicidades colocam como boas, situações que na forma de ver e sentir da Humanidade sempre foram consideradas ruins, negativas e, muitas vezes, como um desfavor dos céus: feliz é aquele que não tem apego às coisas e sentimentos do mundo; o que sofre perseguição porque é correto; o humilde; o que sofre aflições; o pacificador; o que busca a retidão com todo o empenho; o vilipendiado e caluniado por causa da vinculação com Jesus. Tudo isto é ininteligível para quem só se preocupa com a felicidade possível de ser fruída neste mundo, a qualquer preço, atarrachado a um materialismo sufocante e egoísta. Marx, bem como os ideólogos do materialismo em geral, vêm nas promessas de recompensas futuras uma simples manobra classista, para inibir as massas carentes, um ópio do povo. Com a Doutrina Espírita, que não apenas afirma, mas sobretudo prova a imortalidade pessoal, tais conceitos entram no domínio das coisas simples e naturais.

Mundo Espiritual, comprovados cientificamente, demonstram a reencarnação, a Lei de Causa e Efeito e a existência do que Jesus estatuiu, simplesmente, realidades naturais: Quem sofre está resgatando e expungindo erros pretéritos, ou atuais e, se bem sabe se portar diante das dores

e aflições, galga estados de alegria e felicidade interiores, tanto neste, como no Mundo dos Espíritos. Isto dentro de uma justa aferição do que foi sofrido e vivido durante a encarnação. Esta aferição não está subordinada a tribunais e comissões inquisitoriais, mas é feita pelo único juízo irretorquível: a própria consciência. Em continuidade, fala-nos, o Sermão, da posição do discípulo do Evangelho, perante o mundo. Cabe-lhe dar contínuos exemplos de abnegação, caridade, pureza interior e de virtudes indiscutíveis, não apenas para proveito pessoal, no processo de aperfeiçoamento que lhe cabe, mas para ser uma demonstração viva do valor e da sabedoria das Leis Divinas. Quanto ao comportamento, induz-nos à fraternidade.

O Espírito, nas diversas etapas do caminho evolutivo, está subordinado ao automatismo da Lei. É impelido cineticamente pelas forças do meio ambiente que, atuando de fora para dentro, impõem a transformação interior por meio de pressões dolorosas. O Esp para superar os obstáculos e dificuldades postos ao seu redor. Na luta pela vida interagindo ferozmente com o ecossistema onde estagia, o Espfrito é forçado a responder aos desafios imediatos da sobrevivência. Em todos os níveis do processo, tem a ajuda dos instintos básicos, impulsos automáticos impressos em seu interior pela Lei, os quais resolvem um largo espectro de dificuldades.

Existem, contudo, situações que requisitam soluções não padronizadas, para além da programação instintiva. Situações inesperadas, que se multiplicam no transcurso da existência, impondo um esforço extra, pois a dor e a morte física são as conseqüências inevitáveis, quando não é encontrada uma resposta imediata e eficaz. Gradativamente, ao longo de eras intermináveis, o Espírito vai conseguindo desenvolver sua capacidade psíquica de responder a uma maior gama de problemas, pela incorporação de novos reflexos mentais, fruto das vivências difíceis exercitadas nas vidas anteriores. Sua capacidade de adaptação é desenvolvida, bem como a condição de fazer face a situações inesperadas. Suas faculdades de análise, raciocínio e conclusões inovadoras, se aprimoram gradativamente, sendo-lhe cada vez mais fácil solucionar os complicados enigmas que a Natureza lhe propõe. Do Reino Mineral ao Vegetal e deste ao animal, o ser espiritual é obrigado a ampliar, paulatinamente, sua forma de expressão e interação dialética com o meio onde vive. A Lei de Progresso e a Lei de Destruição (LE, a parte), agem imperiosamente sobre ele, coagindo-o ao aperfeiçoamento constante.

Atingida a ego-consciência, o Espírito conquista a mentação contínua, utilizando a Inteligência e a Razão de forma ampla, deixando de ser dirigido, em regime imperativo, pelos impulsos reflexos, na quase exclusiva tarefa de sobrevivência. Passa a agir sobre o meio onde vive, modificando-o para que atenda suas necessidades, de forma fácil e agradável, e passa a trabalhar no aperfeiçoamento dos seus centros emotivos, conquistando o livre arbítrio -limitado ainda - a estesia e a faculdade de amar. Continua, naturalmente, subordinado à Lei de Causa e

Efeito, da qual se se libertará quando atingir a condição de “Espírito Puro, pois a liberdade de ação pressupõe responsabilidade das conseqüências dos atos praticados. Sem dúvida, continua sob o condicionamento do meio ambiente e das forças naturais, mas agora está melhor aparelhado para lhes fazer face, resolvendo com maior acerto, e melhor, seus desafios. A evolução automática deixou de existir para o Espírito. Para alcançar o próximo nível, o Espiritual, terá de fazer uma opção pessoal, consciente. O Paraíso dos reflexos e instintos puros, foi perdido, o crescimento espiritual agora requer esforço consciente e determinado. Será preciso ganhá-lo com o suor do rosto, ou seja, com trabalho de auto-aprimoramento, reestruturando a mente para modificar a forma de atuação estímulo-resposta, herança das eras primitivas do processo. Os instintos individualizantes e egocêntricos precisam ser revistos e aperfeiçoados, para se adequarem à Lei de Amor, Justiça e Caridade (LE, IIP parte), fundamento da própria criação. Instintos novos devem ser criados, instintos discêntricos, ou seja, respostas altruístas aos desafios da violência e do egoísmo. Isto requer uma “metanóia”, completa reformulação de toda estrutura mental. Os métodos e Leis desta reeducação têm sido proclamados pelos Mensageiros do Bem, em todas as épocas da História. Os Evangelhos, e em particular o Sermão do Monte, sumarizam e sistematizam os e O processo de modificação absoluta do psiquismo não poderia deixar de produzir dor, pois esta é requerida em todo e qualquer esforço de conquista em nossa vida. O estudante que fica trancado em seu quarto, ou cômodo escolar, sendo obrigado a repetir lições, fazer exercícios, assimilar currículos que não lhe agradam, perdendo a oportunidade de se divertir, dando vazão ao desejo de satisfação e alegria, está sofrendo, contudo, o faz prazerosamente, pois sabe que o sofrimento momentâneo é avalista de uma vida de realizações futuras, na qual será amplamente recompensado pelo desprazer atual. Todo sofrimento nascido do esforço espiritualizante é uma transição para conquistas incalculáveis. Quando Jesus nos convida a carregarmos nossa cruz, a renunciarmos a nós mesmos, à abdicação do apego, mesmo aos sentimentos de parentesco e à doação absoluta ao próximo, está traçando os exercícios necessários para a mudança de nível evolutivo, pois no novo as condições de vida serão marcadas pela felicidade e pela alegria. A dor é inerente ao processo, como de qualquer esforço para melhoria de posição social, ou mudança eugênica do corpo. No Sermão do Monte, o paradoxal reside no que ele significa: um rompimento absoluto com o modelo sócio-psíquico vigente na Terra, para que se possa construir nela um novo tipo de sociedade e de mente. Não existem caminhos alternativos para isso. O mundo, como chamava Jesus, é incompatível com o Reino, são mutuamente excludentes. A adesão a um, pressupõe afastamento radical do outro.

Conclusão

O Sermão do Monte é o documento básico da Nova Civilização que Jesus

veio implantar na Terra. Ela só será possível, quando assimilarmos e vivermos o seu conteúdo integralmente. Claro está que o Mestre sabia que, exceto raras exceções, só o poderemos fazer de um Francisco de Assis, terão coragem e força de vontade para se impor uma transformação brusca e radical. Não podemos, todavia, transigir com acomodações cínicas e sofismáticas dos axiomas do Sermão do Monte. Pode parecer impossível a Lutero e seguidores, mergulhados em seus conflitos internos e externos, amar os inimigos ou manter a necessária vigilância da libido para assumir, na íntegra, seus postulados, mas daí a se concluir pela impossibilidade de alguém o fazer, existe um imenso e perigoso abismo. Os heróis da vivência evangélica estão aí, em nossas tradições, nesses dois mil anos de Cristianismo, provando justamente o contrário. Apesar do peso dos erros prístinos e atuais, é imprescindível um esforço sincero para fazer da mensagem do Cristo uma realidade em nossos hábitos e pensamentos. Todas as comunicações da Espiritualidade maior, desde Hydesville até Uberaba, têm instado para que façamos a integração perfeita entre os conceitos crísticos e nossa vida cotidiana, como algo urgente. No Livro dos Espíritos, questão 301 da edição de 18 de abril de 1857, lemos: “Quel est le type le plus parfait que Dieu ait offert à l’homme pour lui servir de guide et modele?” Ao que os Espíritos Codificadores responderam direta e objetivamente:

“Voyez Jésus”. Kardec fez, então o seguinte comentário: “Jésus est pour l’homme le type de la perfection morale à le plus parfait modele, et la doctrine qu’il a enseignée est la plus pure expression de sa loi, parce qu’il était animé de l’esprit divin, et l’être le plus pur qui ait paru sur la terre”. Na edição definitiva de 1860, ela passou a ter o numero 625, e ao comentario anterior,

Allan Kardec acrescentou: “Si quelques-uns de ceux qui ont prétendu instruire l’homme dans la voie de Dieu l’ont quelque fois égaré par de faux principes, c’est pour s’être laissé dominer eux-mêmes par des sentiments trop terrestres, et pour avoir confondu les lois qui régissent les conditions de la vie de l’âme avec celles qui régissent la vie du corps. Plusieurs ont donné comme lois divines ce qui n’était que des lois humaines créées pour servir les passions et dominer les hommes. Desde o início da Codificação, Jesus e sua mensagem estão presentes na Doutrina Espírita, dela sendo inseparáveis, mesmo que a discutível arrogância de alguns intelectuais e cientificistas espíritas pretendam o contrário. O Movimento Espírita está a exigir, com urgência, que se façam congressos, seminários, painéis, mesas redondas, e demais recursos do gênero, para se discutir em profundidade a evangelização dos espíritas e a difusão dos ensinamentos do Mestre, de acordo com a amplitude e esclarecimento que os postulados do Espiritismo proporcionam. A Doutrina Espírita, como o Consolador prometido pelo Cristo, promove seu retorno, sua parusia, colocando-o diante do homem moderno despojado dos perfunctórios e cediços ranços que a mediocridade dos cristãos lhe agregou, nestes vinte séculos de desvios e obscurantismos dogmáticos, totalmente dispensáveis.

Sobre isto, escreve Emmanuel, ao nosso ver o maior e brevíssimo para o

genuflexório. É roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência. O Cristo não estabelece linhas divisórias entre o templo e a oficina. Toda a Terra é seu altar de oração e seu campo de trabalho, ao mesmo tempo. Por louvá-lo nas igrejas e menoscabá-bo nas ruas é que temos naufragado mil vezes, por nossa própria culpa. Todos os lugares, portanto, podem ser consagrados ao serviço divino. Muitos discípulos, nas várias escolas cristãs, entregaram-se a perquirições teológicas, transformando os ensinamentos do Senhor em relíquia morta dos altares de pedra; no entanto, espera o Cristo venhamos todos a converter-lhe o Evangelho de Amor e Sabedoria em companheiro da prece, em livro escolar no aprendizado de cada dia, em fonte inspiradora de nossas mais humildes ações no trabalho comum e em código de boas maneiras no intercâmbio fraternal (Caminho, Verdade e Vida, psicografado por Francisco Cândido Xavier, Interpretação dos Textos Sagrados, décima terceira edição, FEB).

CONSEQÜÊNCIAS DA ADESÃO AO EVANGELHO

- 1 - Vendo a multidão, ele subiu a colina e, assentando-se, aproximaram-se seus seguidores.

Óros significa: colina, monte, altura, montanha. Escolhemos colina, pois na região onde foi proferido o Sermão não existem montanhas, na acepção do termo. Mathetai tem como significados: seguidores, discípulos, alunos, aprendizes, estudantes. Não se pode precisar o local onde Jesus pronunciou o discurso. Uma tradição o coloca numa colina de 150 m. de altura, que tem o nome árabe de Jebel Hatim (os Chifres de Hatim - pelo seu formato peculiar), perto da moderna Tabgha (corruptela do bizantino Heptapegon - sete fontes, antiga fonte termal que Flávio Josefo chama de "Cafarnaum"), enseada formada em Khan Minij eh. Ali foi erguida a Igreja das Bem-aventuranças. A ligação de Tabgha com o Sermão remonta ao século IV.

** Ler ML, cap. 17 e FV, cap. 194.

- 2 - E abrindo a boca se pôs a ensiná-los, dizendo:

A estrutura do Sermão do Monte, bem como as diferenças entre Mateus e Lucas, estudaremos mais adiante, no anexo 1.

- 3 - Felizes os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.

Makárioi, plural de makários, pode ser traduzido por: felizes, bem-aventurados, benditos, ricos, opulentos, ditosos, dignos de todo o louvor. Ile Basileía tôn ouranôn, o Reino dos céus, significa as diversas hipóstases do Mundo Espiritual Superior, onde vivem os Espíritos que já se libertaram da Ronda das Reencarnações, ou melhor dizendo com Kardec, da Erraticidade. Ptôcoí, plural de ptôós, significa: que se oculta, mendigo, relativo ao mendigo, pobre, miserável, impotente. A expressão hoi ptoucoí tou pneúmati, não pode ser traduzida, como se fazia antigamente, por pobre de espírito, ou baldo de inteligência, mas pobre, ou mendigo, em, ou no, espírito, estando a pobreza localizada no íntimo do ser, como qualidade intrínseca de

liberação dos laços inferiores da posse. Ptôcós, precisa Pastorino em SE, vol. II, "...significa exatamente 'aquele que caminha humilde a mendigar'. Sua construção normal com acusativo de relação poderia significar o que costumam dar as traduções correntes: 'mendigos (pobres, humildes) no (quanto ao) espírito. Acontece, porém, que aí aparece construído com dativo...". Portanto justifica-se a tradução que preferimos. A pobreza em espírito tem o sentido de desapego dos sentimentos e coisas materiais; assim liberado, o Espírito pode galgar outras, e elevadas, dimensões do Mundo Espiritual. "Livre dos vínculos das ações é o homem que, mediante o Conhecimento Espiritual, cortou os nós que o ligavam aos frutos das ações, (BG, Cap. IV, v. 41).

** Sobre o assunto: LE, questões 100 a 131, 304 a 319, 913 a 917; ESE, cap. VII; CI, primeira parte, cap. III.

- 4 - Felizes os que estão aflitos, porque eles serão consolados. Penthountes, significa: deploram, choraram, estão de luto, estão triste, estão aflitos, estão chateados. Jesus direcionou sua afirmativa para os afligidos por circunstâncias dolorosas, as quais se abatem sobre eles com a força terrível, mas justa, da Lei Efeito. A consolação nasce, diretamente, do profundo sentimento de alegria e alívio pelo cumprimento integral do resgate.

** ler ESE, cap. V.

- 5 - Felizes os humildes, pois eles herdarão a Terra.

Praus, tem como significados: gentil, humilde, bondoso, amável, doce, suave, indulgente. Todos eles se enquadram no espírito da mensagem cristã, mas humildade é a característica fundamental do Homem Novo em Cristo, como demonstrou Francisco de Assis. Humildade, todavia, não significa desconhecimento do próprio valor, nem subestimação da própria capacidade, mas uma justa análise daquilo de que se é capaz, reconhecendo-se, por outro lado, o valor e a capacidade dos outros. Da mesma forma, ela é radicalmente contrária a qualquer tipo de autopromoção ou de relevo ou destaque, quando se tenha condições para tanto, o que denotaria, simplesmente, uma fuga ao dever. Notemos, ainda, que Jesus fala aqui em "herdar a Terra (Ideronomésousin ten gên), ou seja, quando for implantada a Civilização Cristã em nosso planeta, a humildade será condição prevalecte da ascensão social e da conduta administrativa em qualquer nível.

** Ler ESE, cap. LX.

- 6 - Felizes os que têm fome e sede de retidão, porque serão saciados. Dikaiosynen tem o sentido de retidão, honradez, justiça, fazer o que é direito. Pastorino (op. cit.), escreve sobre Dikaiosynen: "...é derivado de dikaios que exprime precisamente 'o observador da regra, o justo, o reto, o honesto, ou, numa expressão mais exata ainda 'o que se adapta às regras e conveniências', pois o termo primitivo dikê, donde todos os outros derivam, significa REGRA. "...o sentido (para coadunar-se com a bem-aventurança seguinte) só pode referir-se aos que aspiram ardente e sequiosamente à PERFEIÇÃO, ao AJUSTAMENTO de si mesmos às Leis divinas. Então é justiça no sentido de JUSTEZA (tal como o francês justice, no sentido de JUSTESSE)".

A Doutrina Espírita confirma que o homem que se entrega com empenho ao cultivo da ação correta nos níveis físico, mental e espiritual, consegue evoluir num tempo relativamente curto, pois as Forças do Bem que dirigem e controlam os Universos apoiam, in demonstram as vidas dos que se entregaram, obstinadamente, ao cultivo da virtude.

- 7 - Felizes os misericordiosos, pois eles encontrarão misericórdia.

Eleémones traduz-se por: misericordiosos, compassivos. A toda e qualquer ação corresponde uma ação igual e contrária. Ao atuarmos misericordiosamente, a Lei de Causa e Efeito fará com que sejamos objeto de misericórdia, ou de proteção em nossa vida atua futuras.

** Ler ESE, cap. XI.

- 8 - Felizes os puros de coração, porque eles entenderão Deus.

Nos parece que a tradução de ópsontai, futuro de horáô (ver, ter olhos, olhar, observar, entender, advertir) como entender, é mais precisa do que ver, pois nem sempre o ato de ver significa entendimento do que é visto. O simples ato de ver Deus poderia deslumbrar o vidente, mas o entendimento do que Deus é, preencherá aquele que atingir esta compreensão. Para se chegar a tanto, é necessário escoimar o sentimento das impurezas do orgulho, da vaidade, do ódio, da ambição, e semelhantes. O LE, questão 10, nos adverte que não podemos compreender a natureza íntima de Deus porque nos falta, para isto, um sentido. Claro está que ai se refere à compreensão intelectual, pois não temos nenhum sentido de analogia para tanto. Sendo uma realidade que de dimensão, não temos condições de promover, a seu respeito, qualquer analogia esclarecedora. Contudo, a intuição direta é possível, como o têm provado os místicos de todas as épocas.

** Ler LE, livro 1, cap. 1, e ESE, cap. VIII.

9 - Felizes os pacificadores, pois eles serão chamados filhos de Deus.

Quem pacifica constrói a fraternidade e o entendimento o seu redor. A vibração da Paz faculta o intercâmbio com

da nossos lares, parentela e meio social onde vivemos, s Espíritos do Bem, encafétegados do processo evolutivo Terra. Na medida em que consigamos realizar a harmonia estaremos agindo como legítimos filhos de Deus, assim como Jesus o foi, e é.

** Ler ESE, cap. IX.

- 10 - Felizes os que são perseguidos por causa da retidão, porque deles é o Reino dos céus.

Sobre retidão, ver comentário ao vers. 6. Sobre "Reino dos céus, ver comentário ao vers. 3. A conduta reta é a qualidade normal da existência do Espfrito, contudo, num mundo de expiações e provas, como o nosso, toma-se exceção. A deficiência de caráter, é regra de vida. Nesse clima de valores distorcidos a virtude e a retidão são perseguidas como anomalias. Não obstante, os mártires do Cristianismo mostraram que a fidelidade aos valores nobres deve s Foi este o exemplo dado pelo Cristo, ao se deixar imolar, em suprema renúncia, sem transigir com as forças do mal, por nós geradas e mantidas.

- 11 - Felizes sois vós quando vos ultrajarem, perseguirem e,

mentindo, disserem qualquer tipo de maldade contra vós, por causa de mim.

Poderíamos concluir que aqueles colocados nesta categoria estão resgatando dívidas morais, o que em muitas circunstâncias expressa a verdade, todavia o Espírito que não possua débitos nessa faixa vive, em nosso mundo, tal tipo de sofrimento (veja-se o a afirmação mentirosa e distorcida, fazem parte da psicologia dos espíritos em estado de falência moral, os quais existem em número expressivo em nosso planeta. Para o ser nesta situação é difícil admitir que possa haver alguém que atue sem “pré-juízos interesseiros e maldosos, porque ele é incapaz de ações altruístas. Tende sempre a projetar nos outros as distorções mentais e emocionais que lhe são próprias. São felizes, pois, os que passam por tais provações, porque estão sofrendo pelo fato de terem aderido ao Bem, estão pagando o preço da evolução moral que buscam.

** Ler ESE, cap. XVII.

** Ler LE, livro II, cap. X, ESE, cap. V, C, terceira parte, cap. V, e AR, cap. XIX.

- 12 - Alegrai-vos e exultai, pois grande é a vossa recompensa nos céus, porque dessa forma perseguiram os profetas que foram antes de vós. Tois ouranois, nos céus, nas dimensões espirituais superiores. Confirma-se, dessa maneira, o que afirmamos acima. 1 A perseguição tem como causa o Bem, logo a recompensa pela manutenção da fidelidade a ele, não obstante as tribulações, tem como conseqüência um salto evolutivo, uma ascensão espiritual de grande porte, o que motivará uma alegria intraduzível.

** Ler LE, livro IV, cap. II. -4

O SIGNIFICADO DE SER DISCÍPULO DE JESUS

- 13 - Vós sois o sal da terra: porém se o sal se tornar insulso, com o que será salgado? para nada mais serve, a não ser para se jogar fora e ser pisoteado pelos homens.

O indivíduo que procura viver a mensagem do Cristo é um fator de transformações no lugar onde esteja. À semelhança do sal, torna o ambiente positivo, melhorando sua qualidade nos diversos níveis existenciais. Se deixar o processo de transformação moral, ombreando com as atitudes e maneiras de viver dos que ainda não conhecem a mensagem. Sobre céus, ver comentário ao vers. 12. No meio da escuridão moral da sociedade humana, o discípulo do Evangelho ressalta como uma luz, como algo colocado em situação de visibilidade impossível de ser obstada. Uma cidade não pode ser escondida, quanto mais se está sobre um monte, da mesma forma o cristão encontra-se fatalmente exposto, queira ou não. O espírita, como seguidor do Evangelho, não o é para, somente, cuidar de sua evolução espiritual, mas para difundir a Mensagem entre os outros homens, através do exemplo. É, pois, disseminador dos princípios cristãos, um anúncio vivo da munificência, bondade e amor de Deus.

** Ler ESE, cap. XXIV, CVV, cap. 180 e VL, cap. 159.

NECESSIDADE DA PRÁTICA EVANGÉLICA

- 17 - Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas; eu não vim abolir, mas completar.

Ton nómon, a Lei Çlorah), a regra, o princípio, a norma. Tous profétas, profeta, classe de médiuns instituída por Moisés, segundo instrução dos Espíritos que o guiavam (Dt 18, 15-22).

- 18 - Em verdade vos digo: até que cheguem ao fim o céu e a terra, um jota ou um til não será invalidado na Lei, até que tudo seja realizado. Ouranos, o céu, tem o sentido, aqui, de firmamento, abóboda celeste. O jota, letra grega semelhante ao nosso representa no texto o yod hebraico, e Keraía (projeção, gancho como parte de uma letra, traço fino de uma letra, coisa pontiaguda, sinais gráficos), que traduzimos como til, é um prolongamento de algumas letras hebraicas, para distinguí-las de outras com formato idêntico. Os Espíritos Superiores nunca destróem, sempre aprimoram ou transformam de uma maneira harmoniosa e edificante. Esta a grande lição que devemos aprender: promover o progresso físico e espiritual sem combater, destrutivamente, o que existe. A Lei Moisaica em sua dimensão espiritual, expressa no decálogo, não foi abolida por Jesus, mas sim completada, aprimorada, aprofundada em seu sentido. Da mesma forma, os ensinamentos espiritualizantes de todos os mensageiros de Deus, anteriores ao Cristo. A Lei Divina ou Natural, que se acha insculpida na consciência humana, foi verbalizada pelos Mensageiros de Jesus em todas as épocas. Tanto Moisés no Decálogo, quanto os Profetas de Israel, participaram da construção de um código de espiritualidade que não será derruído na menor parcela, porque significa o fundamento do Bem, cuja essência é o próprio Deus. O Espiritismo nos desvela o conjunto da Lei Divina em toda sua magnífica amplitude.

** Ler LE, livro III e ESE, cap. 1.

- 19 - Qualquer um que desfaça de um desses mandamentos, por menor que seja, e assim ensine aos homens, será chamado insignificante no Reino dos céus; mas aquele que os pratique e ensine, será chamado grande no Reino dos céus.

No Mundo Espiritual Superior, a importância do Espírito está na razão direta da sua adesão aos princípios da Lei Divina ou Natural e, por via de consequência, sua insignificância se patenteia na inversa do seu distanciamento deles. Sobre “Reino dos céus”, ver comentário ao vers. 3.

- 20 - Pois eu vos digo que: a menos que a vossa retidão ultrapasse a dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no Reino dos céus. Sobre “retidão”, ver comentário ao vers. 6. Sobre “Reino dos céus”, ver comentário ao vers. 3. Não adianta ao espírito o simples conhecimento doutrinário e do Evangelho sem a respectiva prática, pois muitas pessoas, tanto no passado quanto no presente, apresentam vasta erudição no campo dos ensinamentos transcendentais, mantendo, todavia, uma conduta incompatível com o seu saber. Somente a vivência dos princípios superiores destaca o crente da massa amorfa dos seres de pequena evolução moral.

** Consultar LE, livro III, ESE, cap. 1, G, cap. 1 e VL, cap. 161.

AMPLIAÇÃO DOS MANDAMENTOS MOISAICOS VIOLÊNCIA E RECONCILIAÇÃO

- 21 - Ouvistes o que foi dito aos antigos: Não matarás; e “aquele que matar estará sujeito a julgamento.

Antigos (arkaíois), os que ouviram a Lei quando promulgada, os hebreus para os quais Moisés leu o decálogo, grafado por escrita direta em pedra, ao descer do Monte Sinai. A segunda parte (aquele que matar...), foi um acréscimo das autoridades hebraicas posteriores, especificando a consequência do ato de matar.

- 22 - Eu, todavia, vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão, será passível de julgamento; e quem lhe disser: Raca, será réu ante o sinédrio; e quem lhe chamar tolo, será réu do fogo do Vale do Hinnôm.

Raka, transliteração para o grego do termo aramaico reiqah, tem como traduções possíveis: estulto, burro, cabeça vazia. Geena, transliteração para o grego do hebraico Gi-Hinnôm (“vale do Hinnôm”) era a denominação do vale localizado no lado ocidental e da Bíblia hebraica referem-se várias vezes ao gei ben-Hinnôm (“vale dos filhos de Hinnôm”). No tempo dos Juízes era a fronteira entre as tribos de Judá e Benjamin. Durante o reinado de Josias (640-609a.C.) em Judá, após a divisão das tribos, foi realizada uma purificação religiosa e, no vale, onde se queimavam crianças em homenagem a Moloch, foi criado o depósito de lixo da cidade. Este depósito vivia em chamas, por causa do gás metano oriundo da decomposição das matérias orgânicas. A pena mais severa aplicada aos réus de determinados crimes era a de, após a execução, terem seus corpos lançados ao fogo eterno, que crepitava no Gi-Hinnôm, para serem queimados. O Direito Divino não aplica seus cânones apenas a violência física, mas estende-os a todo e qualquer tipo de agressão, pois é, em qualquer circunstância, um atentado à Lei do Amor, fundamento da criação. Dos pequenos atos de violência do cotidiano individual, nascem os terríveis flagelos sociais como os crimes de morte, o terrorismo, as revoluções sangrentas e as guerras.

- 23 - Se, pois, ao apresentares tua oferenda ante o altar, lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti.

- 24 - deixa ali tua oferenda, diante do altar, e vai primeiro, te reconciliar com o teu irmão, e depois vem apresentar tua 1 oferta. - 25

- 25 - Reconcilia-te, depressa, com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para não acontecer que o teu adversário te entregue ao Juiz, e o Juiz aos soldados, e estes te lancem na prisão.

- 26 - Em verdade te digo que dali não sairás, enquanto não pagares o último centavo.

Dôrón, significa presente, oferta, oferenda, dom. Os hebreus ofereciam presentes, ou ofertas, a Deus, que os sacerdotes recebiam e colocavam no altar, retirando sua parte. Kodránten era a penúltima fração de moeda

dos romanos, semelhante ao lepton judaico, que Lucas usa no seu evangelho (Lc 12, 59). Aqui, está implícita a Lei de Causa e Efeito, onde ao erro se segue o resgate, com a conseqüente libertação.

Todos nós estamos presos às conseqüências dos nossos atos, e não nos liberamos sem a devida quitação. No que se refere à convivência social, o fato de se cultivar a inimizade indica uma aplicação defeituosa da Lei de Amor. Não cabe ao Espírito cultivar primordial.

** Ler ESE, cap. IX e X, C, terceira parte, questões 332 a 341 e PN, cap. 120..

ADULTERIO E DIVÓRCIO

- 27 - Ouvistes o que foi dito: “Não adulterarás”.

- 28 - Eu, porém, vos digo que: qualquer um que olhe para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela em seu coração.

Todo ato, antes de se realizar, existe como potencialidade na mente de quem o pratica. Sua implementação concretiza o que já foi feito em pensamento. Muitas vezes, a não concretização do pensado pode ser fruto de circunstâncias inibidoras, alheias à vo debitado como tendo sido realizado. A projeção mental atrai companhias espirituais de igual vibração, as quais se alimentam do magnetismo, e estimulam a manutenção do estado mental de quem pensa. Naturalmente ninguém está livre de emitir um pensamento indigno. O reconhecimento do fato, e uma atitude imediata de repulsa, é sinal de crescimento espiritual.

** Ler LE, livro II, questões 459 a 472, ESE, cap. MIII e M, cap 5..

- 29 - Se o teu olho direito é motivo de tropeço, arranca-o e lança-o de ti; pois é melhor que seja perdido um dos teus membros, a ser o teu corpo inteiro jogado ao vale do Hinnôm.

Skandalízei, significa fazer tropeçar, servir de pedra de tropeço, levar a tropeçar, fazer cair, rechaçar, desconfiar, ofender, chocar, irar. Sobre “vale do Hinnôm”, ver comentário supra ao vers. 22.

- 30 - E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e atira-a de ti; porque te convém que se perca um dos teus membros, do que vá todo o teu corpo para o vale do Hinnôm. Sobre “vale do Hinnôm”, ver comentário supra ao vers. 22. A deficiência física, exprime uma opção do espírito, antes da encarnação, de “entrar na vida” em regime de expiação, evitando a reincidência nos erros cometidos, pela ausência dos membros ou funções utilizados para cometer os equívocos que lhe oprimem a consciência.

As restrições sociais, culturais e econômicas são também provações solicitadas, as quais servem para ensinar aos espíritos encarnantes o valor dos bens perdidos, dos quais abusaram inseqüentemente na(s) vida(s) anterior(es) Em casos extremos, a Lei impõe limitações aos espíritos contumazes no erro, quando da reencarnação.

** Sobre os versículos acima ler LE, questões 258 a 273, ESE, cap. VIII e CI, primeira parte, caps. LV a VII e segunda parte, cap. VIII.

- 31 - Igualmente foi dito: quem despedir sua mulher, dê-lhe o documento de divórcio.

- 32 - Eu, porém, vos digo que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser em caso de adultério, a faz adúltera; e quem se casar com a repudiada, comete adultério.

Na análise do problema do divórcio temos de levar em consideração os objetivos do matrimônio que, quase sempre, é instrumento de reajuste. O Espiritismo nos orienta para a manutenção dos laços esponsalícios, pela aplicação das lições evangélicas na vida atinge as raias do insuportável. Mas não se torna conivente com a fuga aos compromissos assumidos por simples irresponsabilidade. Leiamos, a este respeito, esta esclarecedora passagem, escrita por Joanna de Angelis: “A solução, para os relacionamentos perturbadores, não é a separação, como supõem muitos. Rompendo-se com alguém, não pode o indivíduo crer-se livre para um outro tentame, que lhe resultaria feliz, porquanto o problema não é da relação em si, mas do seu estado íntimo, psicológico. Para tanto, como forma de equacionamento, só a adoção do amor com toda a sua estrutura renovadora, saudável, de plenificação, consegue o êxito almejado, porquanto, para onde ou para quem o indivíduo se transfira, conduzirá toda a sua memória social, o seu comportamento e o que é. Desse modo, transferir-se não resolve problemas. Antes, deve solucionar-se para trasladar-se, se for o caso, depois (LII, cap. 7).

** Ler ESE, cap. XXII.

RETIDÃO NO FALAR

- 33 Da mesma forma, ouvistes o que foi dito aos antigos: “Não jurarás falso, mas cumprirás teus juramentos para com o Senhor

- 34 - Eu, todavia, vos digo que de nenhuma maneira jureis; nem pelo céu, pois é o trono de Deus;

Tôi ouranô, pelo céu, ou seja pelo firmamento.

- 35 - nem pela Terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, pois é a cidade do Grande Rei;

- 36 - nem jures por tua cabeça, pois não podes mudar um só cabelo branco ou preto.

- 37 - Seja, contudo, o vosso falar sim, sim, não, não, porque o que daí passa origina-se do mal.

O Espírita, portanto o cristão, deve buscar viver, num nível ético que o coloque num clima de veracidade natural, sem que precise reforçar suas afirmações com juramentos, a fim de ser crido. Sua maneira de viver deve bastar para corroborar suas palavras

** Ler PN, cap. 80.

NÃO VIOLÊNCIA

- 38 - Ouvistes o que foi dito: Olho por olho e dente por dente.

- 39 - Eu, contudo, vos digo não resistais ao perverso, mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.

Joachim Jeremias, exegeta e ex-professor da Universidade de Göttingem,

no seu “O Sermão da Montanha”, traduzido do alemão: “Die Bergpredigt”, pelo pe. José Raimundo Vidigal, Ed. Paulinas, sexta edição, propõe a seguinte versão dessas passagens, com com “Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: Não deveis entrar em demanda (é a tradução correta) com aquele que vos ofende (literalmente: com quem é mau); mas se alguém te bater na face direita, apresenta-lhe também a outra).

** Ler ML, cap. 62 e 63.

- 40 - E ao que pleitear contigo, para tomar-te a túnica, cede-lhe também a capa.

Krithenai tem como sentidos: julgar, decidir, condenar, sentenciar, pleitear em juízo.

- 41 - E se alguém te obrigar a andar mil passos, vai com ele dois mil.

Mílion, milha romana, media mil passos, ou seja, cerca de 1478 metros. Jesus indica a não-violência como o antídoto para a violência exercida contra nós. O revide e a vingança nos coloca no mesmo nível dos agressores. O Mahatma Gandhi demonstrou como a não-violência extrapola o individual e se torna vitoriosa, quando aplicada aos movimentos políticos e sociais, promovendo revoluções em clima de harmonia e paz. Ela muda completamente as teorias do marxismo, mostrando que se pode transformar as estruturas sócio-econômicas pacificamente. Será preferível sofrer uma perda, do que manter um conflito cujas conseqüências podem se desdobrar por inúmeras vidas. Jesus deu o exemplo quando, defrontado por uma acusação injusta - o que lhe dava pleno direito de se defender, apelando para as normas legais ante o procurador romano -, preferiu sofrer a pena iníqua, a contender pela manutenção da existência física.

** Ler ESE, cap. XII.

CARIDADE E DESPRENDIMENTO

- 42 - Dá ao que te implora, e não voltes as costas ao que quiser que lhe emprestes.

Aitountí, aitéô, significa pedir para si, implorar, pedir, rogar. Optamos por implorar, pois o texto aponta para a caridade da esmola. Sou danísasthai, tomar emprestado para si (dinheiro). Alusão, provavelmente, a agiotagem que, embora condenada pela lei na atualidade.

A caridade representa a materialização do sentimento fraterno, devendo ser exercida em qualquer circunstância, desde a simples esmola até os atos mais nobres. O desprendimento significa abdicação dos grilhões da posse. Além do mais, ela atua decisivamente como exemplo leia-se NFL, cap. 21, e capítulo 13 da I Epístola de Paulo aos Coríntios. Jesus também, neste versículo, condena a prática da usura, indiretamente. Não pode o Espírita se aproveitar da necessidade alheia para auferir lucro, emprestando a juros. É uma prática imoral, um roubo, pois o agiota se aproveita da dificuldade, ou irresponsabilidade, para roubar o infeliz

que lhe caia nas garras. O Espfrita tem obrigação de socorrer quem esteja em necessidade real, mesmo que possa não receber de volta o empréstimo.

** Ler ESE, cap. XII.

AMOR E ÓDIO

- 43 - Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.

Miséseis tem como sentido odiar, detestar. Plesíon significa próximos, como parentes ou amigos.

- 44 - Eu, todavia, vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.

- 45 - A fim de que vos tomeis filhos do vosso Pai, que está nos céus; pois ele faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e chover sobre justos e injustos.

Tou en ouranois, nos céus, nas dimensões espirituais superiores. A oração pelos que nos perseguem tem a vantagem de nos colocar numa posição vibratória superior à deles. Acontecendo isto, suas vibrações negativas não poderão nos atingir e, em conseqüência, retomarão à fonte emissora. Paralelamente a isto, é um ato de perdão, o qual igualmente nos livra de uma interação causal com os nosso adversários. E, finalmente, significa uma submissão à Lei do Amor, que estabelece a necessidade da harmonia entre todos os seres.

- 46 - Pois, se amardes aos que vos amam, qual a vossa recompensa? não fazem assim os coletores de impostos?

Telounai,, em grego: coletor de impostos, publicano. Apesar de publicano ser -.um termo consagrado pelo uso, optamos por coletor de impostos, por ser mais explícito. Os romanos recolhiam impostos de dois tipos: o fiscus - imposto de natureza fundiária, pessoal, ou de rendimento -, recolhido ao tesouro imperial. Este era aplicado na Judéia, por ser uma província imperial. E o Aerarium, imposto recolhido ao caixa do Senado, por ser recolhido nas províncias senatoriais. Estes impostos eram cobrados por delegados estáveis, com a proteção das autoridades locais. Os impostos alfandegários, de peagem, de aluguéis de locais públicos - como mercados, denominados gabelas, eram empreitados a ricos concessionários, os publicanos, que pagavam ao procurador uma soma previamente estipulada, e se ressarciam arrecadando uma parte a mais para si. Seus empregado eram chamados exactores ou portiores. O sistema ensejava extorsões perversas.

** Ver ESE, Introdução, "LII - Notícias Históricas, VL, cap. 41 e FV, cap.

- 47 - E se saudardes apenas aos vossos irmãos, que fazeis demais? não fazem assim os não judeus?

Ethnikoi tem o sentido de "não judeu", o que se convencionou chamar gentio. Jesus põe o amor incondicional como norma de vida. Se Deus nos ama, apesar de nossa renitência no mal, não se justifica qualquer atitude discriminatória de nossa parte, face aos nossos irmãos em

humanidade. Até o simples ato de saudar alguém não deve restringir-se à retribuição, pois a exclusão de qualquer um significaria um ato antifraterno. Não podemos esquecer que o Evangelho do Cristo é um convite permanente ao rompimento com as estruturas psicológicas vigentes na Terra. Se as nossas ações não diferirem das reinantes na sociedade, em nada teremos mudado e estaremos no mesmo plano comportamental da maioria. Jesus recomenda, em várias oportunidades, que devemos nos diferenciar do padrão de relacionamento individual e social que impera na humanidade, agindo de acordo com os mais altos ditames morais que a nossa evolução nos permita alcançar, e buscando superar, com esforço, este nível, numa busca constante de aprimoramento espiritual.

** Ler VL, cap. 60.

- 48 - Sede perfeitos, portanto, como o vosso Pai celestial é perfeito.

Téleiói, téleiós, tem o significado de maduro, perfeito, plenamente desenvolvido. A perfeição, resultante do pleno desenvolvimento intelectual e moral, é meta a ser perseguida tenaz e perseverantemente. Quando Jesus põe Deus como modelo a ser imitado, está a nos convidar a um progresso contínuo e infinito, pois, como adverte o LE, entre o Criador e a criatura existe uma distância impossível de transpor, mas, à proporção que evoluímos, o nosso conhecimento da divindade cresce, igualmente. Vale ressaltar que a busca da perfeição não implica perfeccionismo, o qual significa um desvio psíquico que deve ser evitado, ou corrigido, pois é, além de prejudicial, profundamente antipático e gerador de dissensões e atritos.

** Ler LE, questões 86 a 889 e ESE, cap. XII.

CONDUTA CRISTA AÇÕES NOBRES E CARIDADE

- 1 - Tende cuidado de não praticar vossas ações caridosas diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outro modo não tereis vossa recompensa da parte de vosso Pai, que está nos céus.

Aqui, preferimos para dikaiosynen (ver comentário ao cap. 5, vers. 6) a tradução de ações caridosas, pois o contexto assim o indica. Giuseppe Ricciotti, cônego de São João de Latrão e autoridade em História do Oriente Próximo, diz o seguinte sobre a tr que significava justiça mas, no tempo de Jesus, também, esmola, que era uma obra própria do justo. Contudo, neste passo, tem um sentido mais amplo, e refere-se genericamente à boa-obra(sic), ao passo que a “esmola e nomeada especificamente no versículo seguinte” (VC, pag 349). Nos céus, ver comentário ao cap. 5, vers. 12.

- 2 - Quando, pois, praticares teu ato de caridade, não faças tocar trombeta diante de ti; como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem prestigiados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já foram recompensados.

- 3 - Ao praticares portanto o teu ato de caridade, não saiba a tua

esquerda o que faz a tua direita,

- 4 - para que o teu ato caridoso fique em segredo, e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará.

“Ato de Caridade, ver explicação supra. Jesus ressalta a necessidade da ação caridosa ser atitude íntima e natural do indivíduo. A ostentação implica hipocrisia, estando a recompensa no aplauso buscado e extinguindo-se após ter sido este conseguido.

** Ler ESE, cap. XIII. -4

ORAÇÃO

- 5 - E quando orardes, não façais como os hipócritas, os quais gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para que os homens os vejam. Em verdade, em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa.

- 6 - Tu, todavia, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está oculto; e teu Pai, que vê o secreto, te recompensará.

Tameión tinha como significado a dispensa da casa, à qual só o ainiiiiistraôor ün'im auessti, wi'tqLti 'ki 'u!! no interior da casa. Utilizamos quarto por ser mais entendível, em nosso tempo. A oração é um ato de ligação do ser com as forças sublimes da existência. Requer, pois, intimidade e silêncio, para que a concentração se faça mais fácil. Qualquer ostentação tem a finalidade do elogio fácil, do reconhecimento gratuito, atingido este objetivo o ostentador já está devidamente satisfeito, tendo, assim, dispensado o auxílio superior que a prece faculta. A oração é o vínculo entre o Criador e a criatura, O indivíduo que ora, abre os canais inter-dimensionais que o relacionam com as forças básicas da criação. Experiências de laboratório, com o uso de eletroencefalógrafos e outros recursos para medir a tensão elétrica do cérebro, em pessoas concentradas em prece, meditação, êxtase, etc., levaram à descoberta do “estado alfa”, que é um estado específico para situações mentais de cunho religioso. A prece pode ser classificada em três tipos, de acordo com o seu conteúdo: a) para louvar, b) para pedir e, c) para agradecer. Pela conjugação destes, se estruturam as diversas formas de oração existentes, O “Pai Nosso” representa a prece típica, completa, pois reúne, harmoniosamente, as três condições citadas. O cristão tem na prece o instrumento básico para sua ação na vida. A oração deve se tornar um hábito tão arraigado, que termine por se transformar em atitude habitual de nossa mente. Todo e qualquer ato da vida, deve estar envolvido nas vibrações suaves e poderosas da Prece.

- 7 - E, ao orar, não utilizeis de repetições sem sentido, como um não judeu, pois pensam que por muito falar serão ouvidos.

Sobre “não judeu”, ver nota ao cap. 5, versículo 47. Battaloguésete significa gagueira, repetições sem sentido.

- 8 - Não imiteis, pois, a eles, porque vosso Pai sabe o de que necessitais, antes de lho pedirdes.

fato de Deus saber nossas necessidades não nos exige do ato de rogar auxílio. Este significa, acima de tudo, uma atitude de humildade. Todo aquele que se louva neste versículo para não pedir amparo e socorro em suas dificuldades, demonstra um alto nível de adivinhar e atender suas necessidades. O que Jesus ressalta é o fato de não serem necessárias longas preces, ou fórmulas cabalísticas, para que Deus nos atenda. Hoje vemos se espalhar o hábito das orações em outras línguas, como o japonês e o sânscrito, que são repetidas como axiomas mágicos que, pela simples recitação periódica produz a satisfação de desejos. Nada mais falso. Se, na maioria dos casos, os que isto praticam têm dificuldades com o nosso vernáculo, imagine-se as que terão para pronunciar frases e sentenças em línguas completamente estranhas à nossa tradição. Como tal repetição mecânica, sem nenhum sentido mental produzido pela pronúncia, poderia produzir um efeito positivo em nós ou em nossas vidas? Esses ritos estão, na sua quase totalidade, vinculados a processos de extorquir dinheiro dos ignorantes e baldos de senso, idealizados por mentes corruptas e gananciosas do nosso, e de outros países. Não entra nessa linha de cogitação o mantra hindú, que é uma teoria e prática do som, com objetivos psíquicos. Ele requer um conhecimento do significado da palavra frase pronunciada, para que possa ser acompanhada com intensidade pela mente em concentração e pela emotividade que se exacerba, dinamizada pelo conteúdo afetivo que ela possui e transmite. No cristianismo o mantra tem sido utilizado, de forma empírica do nome de Jesus

- 9 - Portanto, orai dessa maneira: Pai nosso que estás nos céus, venerado seja o teu nome;

Nos céus, ver comentário ao cap. 5, vers. 12. Aguiasthéthô tem como significados: santificado, consagrado, purificado, venerado, honrado. Optamos por “venerado”, pois o nome de Deus já é santificado em si mesmo.

** Ler FV, cap. 77 e cap. 164.

-10-Venha o teu reino; faça-se tua vontade na Terra, assim como no céu.

Ev ouranôi, no céu, no conjunto do Mundo Espiritual.

- 11 - O pão nosso, necessário à existência, dá-nos hoje;

Epióusion tem seu significado como motivo de disputa entre os críticos: diariamente, necessário para a existência, para o dia seguinte, para o futuro, para o dia corrente. Preferimos “necessário à existência”, por ser mais conforme, ao nosso ver, aos e vida.

- 12 - E perdoa as nossas dívidas, assim como temos perdoado aos nossos devedores;

13 - E não nos deixes entrar em tentação, mas livra-nos do mal.

A afirmação: “Porque teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Assim seja”, é um acréscimo posterior, conclusão da imensa maioria dos pesquisadores atuais, pois não consta dos documentos mais antigos. Lemos no cap. XXVIII de O Evangelho segundo o Espiritismo, no sub cap. “Preces Gerais: “Os Espíritos recomendaram colocar a Oração Dominical no início desta coletânea, não apenas como prece, mais como um símbolo.

De todas as preces, é aquela que eles colocam no primeiro plano, seja porque tem origem no próprio Jesus (Mt 6, 9-13), seja porque pode substituir a todas, segundo o sentido que se lhe atribua; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra prima de sublimidade, em sua simplicidade. Com efeito, sob forma a mais concisa, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo; ela contém uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; a solicitação das coisas necessárias à vida, e o princípio da caridade. “Todavia, em razão mesmo de sua brevidade, o sentido profundo, oculto nas poucas palavras que a compõem, escapa à maioria; eis porque é dita, geralmente, sem que se dirija o pensamento sobre a aplicação de cada uma de suas partes. É recitada como uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; o qual é, quase sempre, uma quantidade cabalística: três, sete ou nove, tirada de antiga crença supersticiosa sobre a virtude dos números, e em uso 1 1 1 nas operações mágicas.

** Ler VL, cap. 57.

- 14 - Porque se perdoardes aos homens suas ofensas, igualmente vos perdoará vosso Pai celestial.

** ler FV, cap. 135.

- 15 - Se, contudo, não perdoardes aos homens, da mesma forma vosso Pai não poderá perdoar vossas ofensas.

Joachim Jeremias, op. cit., diz o seguinte, sobre a tradução deste vers.: “Se não perdoardes aos homens, também vosso Pai celeste não pode (assim se deve traduzir aqui o imperfeito aramaico original) vos perdoar. Acolhemos esta tradução, em vez da tra “nao perdoará vossas ofensas. O problema do perdão está vinculado a uma lógica natural: como eu posso querer receber perdão, ser tratado com bondade, ser tolerado em meus momentos infelizes, se não procedo assim com os outros? A tradução de Joachim Jeremias ressalta um fator decisivo: se não relevamos as ações infelizes dos nossos irmãos, para conosco, Deus fica, também, impossibilitado de exercer a misericórdia em nosso favor, deixando-nos entregue ao rigor automático da “Justiça”, ou seja da Lei de Causa e Efeito. A diferença entre a tradução ortodoxa e a de Jeremias, é que aquela coloca o “não perdão” como um ato volitivo de Deus.

** ESE, caps. X, XXVII e XXVIII, E.T.C, cap. 1, MM, cap. XXV

JEJUM

- 16 - Quando jejuardes, não vos mostreis como os hipócritas, porque desfiguram seus que os homens vejam que estão jejuando. Em digo que já foram recompensados. contristados rostos, para verdade vos.

O exibicionismo piedoso esgota-se no próprio ato da exibição.

- 17 - Tu, porém, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto.

- 18 - Para não parecer aos homens que estás jejuando, mas sim a teu Pai, que está oculto. E teu Pai, que vê o secreto, te recompensará.

O Judeu usava o jejum como penitência, uma forma de conseguir o perdão de Deus. A Doutrina Espírita não adota a mortificação como meio de expungir a consciência. A melhor forma de conseguirmos a paz interior é o cultivo de atitudes corretas e da caridade que exercícios espirituais são salutares. A escolha de dias e horários para o cultivo de emoções elevadas produz resultados positivos. A busca de um contato mais estreito e profundo com os planos superiores da Vida, um mergulho nas regiões mais puras do nosso ser, repetido periodicamente, cria reflexos permanentes de espiritualidade.

** Ler LE, questões 720 a 727 e ESE, cap. V. 9

O PROBLEMA DA POSSE

- 19 - Não acumuleis, para vós, tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem os corrói e onde os ladrões arrombam e roubam.

Dioryssousin, significa furar a parede, entrar a força, penetrar cavando.

- 20 - Ajuntai para vós, todavia, tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os corrói, e onde os ladrões não arrombam nem roubam. No céu, ver comentário ao vers. 10 supra.

** Ler FV, cap. 177 e PN, cap. 156.

- 21 - Porque, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

Sócrates e Platão já acentuavam a necessidade do homem cultivar a virtude e se preocupar com os problemas mais nobres da existência, pois assim alcançará um progressivo grau de espiritualização, libertando-se, dos laços da matéria. A preocupação desmedida das percepções mais sutis, terminando por gerar angústia e frustração, pois o hedonismo atua sobre o sistema nervoso e o psiquismo da mesma forma que as drogas viciantes, exigindo, por efeito cumulativo, sempre um maior grau de satisfação, terminando por levar à loucura e ao crime. Além do mais, as vibrações densas atraem entidades espirituais do mesmo padrão, resultando em perigosos e difíceis processos obsessivos de vampirização.

** Ler ESE, cap. XXV.

- 22 - A lâmparina do corpo são os olhos; de maneiras que, se os teus olhos forem honestos, todo o teu corpo será luminoso.

Sobre a tradução "lâmparina", ver comentário aos vers. 14 a 16, do cap. 5.

Aplous, significa: simples, sincero, aberto, honesto.

- 23 - Se, contudo, os teus olhos forem doentios, o teu corpo todo estará cheio de trevas. Se, pois, a luz que existe em ti são trevas, quão grandes serão estas trevas.

- 24 O hábito de visualizar maldade em todas as coisas significa uma atração de similitude, o que demonstra a situação mental inferior de quem assim procede. O espírita tem de se exercitar na procura do melhor e do belo, em qualquer situação.

- 25 - Ele sabe que nossas vibrações reforçam, ou atenuam, as conseqüências dos episódios sob nossa análise.

- 26 - Diante de qualquer situação infeliz, trágica ou criminosa, quando não pudermos ajudar, refugiemo-nos na prece, para que nossas vibrações atuem de forma a construir entendimento, paz, harmonia, alívio ou esperança.

- 27 - Isto, contudo, não implica na abdicação da análise do fato infeliz, pois esta é necessária à aprendizagem de lições importantes para nosso aprimoramento ético. Para melhor esclarecimento ler ESE, cap.X.

Pêqys, côvado, significava o antebraço, era uma medida de comprimento, com cerca de 45 cm. Helikían tem por significados: idade, força da idade, juventude, vigor, tempo, época, século, geração. Optamos por geração, com o sentido de duração de uma existência.

- 28 - E pelo que vestireis, porque andais preocupados? Observai bem os lírios do campo, como crescem, não trabalham de modo exaustivo, nem fiam; observar bem, significa: aprender eficientemente, considerar cuidadosamente, compreender, Kopiôsin significa: trabalhar exaustivamente, labutar.

- 29 - Entretanto vos digo que, nem mesmo Sálomão, em todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Dóxe, significa glória, honra, dignidade, majestade, esplendor, brilho, radiância, magnificência, fama.

- 30 - Se, pois, Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pequena fé. Oligópistoi significa: uma fé diminuta, pouca fé.

- 31 - Portanto não vos preocupeis, dizendo: o que haveremos de comer? Ou: o que haveremos de beber? Ou: com que nos vestiremos?

** Ler VI, cap. 86.

- 32 - Pois a toda estas coisas os não judeus desejam. Mas vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso.

Sobre “não judeus”, ver comentário ao vers. 47, do cap. 5.

- 33 - Buscai em primeiro lugar o reino e sua retidão, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Sobre “retidão”, ver comentário ao vers. 6, do cap. 5.

** Ler VL, cap. 18.

- 34 - Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. A cada dia basta o seu problema.

Kakía, tem por significados: maldade, depravação, impiedade, vício, malícia, mal, malignidade, problema, infortúnio, mal físico, prejuízo, covardia, pusilanimidade. Jesus condena o excesso de preocupação com os problemas eminentemente materiais. Deve-se-lhes dar o mínimo de atenção, dentro das necessidades do dia, mas confiar que Deus proverá, no futuro, aquilo de que viermos a precisar. Nossa preocupação maior deve ser com o cumprimento das normas evangélicas de amor, caridade, etc., pois estas são fundamentais para nossa evolução. Na medida de nossa dedicação ao espiritual, os mentores, e a própria Lei, se incumbirão de suprir nossas necessidades mais imediatas. Claro que isto não implica no descumprimento das obrigações para com o trabalho e a prudência no gasto do que viermos a obter com ele, pois Jesus não incentiva a irresponsabilidade. Não obstante, o despreendimento deve ser a tônica de nossa

conduta.

** Ler ESE, cap. XXV e VL, cap. 152.

JULGAMENTOS PORQUE NÃO SE DEVE JULGAR

- 1 - Não julgueis, para que não sejais julgados.

-2- Pois com o juízo que julgais, sereis julgados; e com a medida com que medis, vos medirão.

-3-Porque vês uma pequena lasca de madeira no olho do teu irmão, e não reparas na viga que está em teu olho?

**LerF\l, cap. 113.

-4- Ou como dirás ao teu irmão: Deixa-me retirar a pequena lasca de madeira de teu olho, quando possuis uma viga no teu?

-5- Hipócrita, tira primeiro a viga do teu olho e, então, enxergarás bem para tirar a pequena lasca de madeira do olho do teu irmão.

Kârfos tem o sentido de cisco, pequena lasca de madeira, argueiro. O segundo está mais de acordo com a própria profissão do Mestre. Dokós significa tronco, viga trave. Optamos por viga, por ser de mais óbvia compreensão. É muito comum, nos meios religiosos, os doutrinadores hábeis em consertar a vida moral alheia sem, contudo, possuírem estatura ética para tanto. Naturalmente não se pode alcançar um elevado padrão moral de um momento para o outro. Mas se deve realizar um esforço sincero neste sentido.

** Ler ESE, cap. XVIII e M, caps. 11 e 12.

NÃO PERDER TEMPO COM PESSOAS REFRATARIAS

-6- Não deis aos cães o que é santo, nem atireis aos porcos as vossas pérolas, para não suceder que as esmaguem sob as patas e, voltando-se, vos dilacerem.

Muitas vezes, no afã de ajudar, não percebemos que a pessoa não possui nível evolutivo para receber a mensagem superior, e sofremos terríveis decepções e constrangimentos. Jesus nos alerta para o problema, e este critério deve ser usado, inclusive, par

**LerVL, cap. 93.

RESPOSTA À ORAÇÃO

- 7 - Pedi, e vos será dado; buscai e achareis, batei e se vos abrirá.

- 8- Porque todo o que pede, recebe; e quem busca acha; e ao que bate se lhe abre.

- 9 - Ou, quem dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir um pão, dar-lhe-á uma pedra?

-10-Ou, pedindo-lhe um peixe, dar-lhe-á uma serpente?

- 11 - Se vós, que sois maus, sabeis dar bons presentes aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos

que lhas pedirem?

Nos céus, ver comentário ao cap. 5, vers. 12. Os Espíritos Superiores nos informam que não existe prece sem resposta. Devemos atentar, contudo, que Deus responde às nossas solicitações dentro do critério de nossas necessidades efetivas, e não segundo os nossos desejos e caprichos.

** Ler LE, terceira parte, cap. [1, ESE, cap. XXV, ETC, cap. L

EQUIDADE NO AGIR

-12- Tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós, porque esta é a lei e os profetas.

A Lei de Causa e Efeito sempre nos devolve a consequência dos nossos atos, inelutavelmente. Se agimos bem, tratando a todos com lhanza, respeito e bondade, receberemos, automaticamente, apoio, amparo, socorro e simpatia, em todos os momentos, principa

** Ler ESE, cap. XI, M, caps. 24 e 25 e PDF, cap. 66.

ADVERTÊNCIAS SENDEIRO DA ESPIRITUALIZAÇÃO

- 13 - Entrai pela porta estreita; pois larga é a porta, e amplo o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela;

- 14- porque é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos são os que a encontram.

As trilhas da espiritualização requerem renúncia e domínio próprio, o que é difícil para a maioria de nós, contudo, é nossa obrigação lutar para conquistar tais virtudes. Disse o Paramahansa Yogananda: "Santo, éo pecador que não desistiu".

**ler ESEcap 5.

OS FALSOS PROFETAS E COMO RECONHECE-LOS

- 15 - Precatai-vos dos falsos profetas, os quais vêm até vós disfarçados em ovelhas, mas interiormente são lobos devastadores. Hárpagues tem como significados: tirar, arrebatado, roubar, apoderar-se de alguma coisa apressadamente, apoderar-se violentamente. Utilizamos devastadores por representar, ao nosso ver, o sentido da ação desses lobos disfarçados.

- 16- Por seus frutos os conhecereis. Colhem-se, acaso, uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?

Tríbolos, abrolhos, erva daninha que produzia abrolhos; algumas variedades apresentam flores semelhantes às da figueira.

** Ler FV, cap. 7.

-17-Desse modo, toda árvoreboa produzbons frutos; mas a árvore ruim produz frutos maus.

- 18- Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore ruim dar

bons frutos.

-19- Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e atirada ao fogo.

-20- Assim, pelos seus frutos os conhecereis.

Infelizmente, nas fileiras religiosas costumam ser encontrados aproveitadores inescrupulosos que, assumindo atitudes beatíficas, com voz macia e recheada de diminutivos ridículos, aparentam postura de santo, mas promovem a cizânia, a discórdia, vivendo falsamente lfluidades, atribuindo-lhes todos os defeitos de que são portadores.

No Movimento Espfrita, tais estelionatários da virtude costumam tachar de obse-diado, em campanhas surdas e sórdidas, a quem quer que permaneça à distância de suas influências nocivas, nem se deixe embair pela mascara espiiria que ostentam. Costumam, habitualmente, falar muito em humildade, com isto procurando disfarçar a vaidade e o orgulho que possuem, de forma desmedida. A característica principal dessa matilha das sombras é a covardia, que eles, blasfemamente, apelidam de “caridade fraterna”, preferindo a maledicência e a intriga para, no anonimato pervertido, tecerem suas campanhas infelizes. Envolvendo-os em preces, não sintonizando com suas vibrações, neutralizamos tais “médiums” das trevas, mantendo a harmonia em nossos núcleos.

** Ler CVV, cap. 122.

-21 -Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faça vontade de meu Pai, que está nos céus. Nos céus, ver comentário ao cap. 5, vers. 12.

-22-Muitos me dirão, naquele dia: Senhor, Senhor! não profetizamos em teu nome? e em teu nome não expelimos demônios? e em teu nome não realizamos atos sobrenaturais?

Daimónia, sobre o significado ver LE, questão 131 e comentário. Dynámeis, tem o sentido de: poderes, força, obra de poder, milagres, poderes sobrenaturais. Escolhemos a tradução que ressalta o caráter de “ato mediúnico”, inerente a tais poderes, que não têm nada de “sobrenatural”, pois estão regidos por leis cientificamente conhecíveis.

-23 - E, então, declararei: nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que cometeis iniquidade..

Os falsos profetas enxameiam na Terra, principalmente, entre os que fazem da religião, ou da mediunidade, um meio de vida. Estamos a assistir a uma verdadeira orgia simoníaca de pastores protestantes e médiums corrompidos, neste atribulado fim do segundo milênio. O simples fato de se fazerem brilhantes pregações evangélicas, realizar curas, ou quaisquer fenômenos psíquicos ou mediúnicos, não pressupõe uma conduta moral ‘Ou cristã. Magnetismo, poderes psíquicos ou mediunidade existem independentemente do comportamento ético.

** Ler ESE, caps. XVII a XIX, XXI e XXVI, G, caps. XIII a XV, M, caps. 8 a 12.

CONHECIMENTO E PRÁTICA DOS ENSINOS DE JESUS

- 24 - Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as

prática, será comparado a um homem sensato, que construiu sua casa sobre a rocha.

-25- E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e caíram sobre aquela casa, entretanto ela não ruiu, porque estava alicerçada sobre rocha.

-26- Mas, todo aquele que escuta estas minhas palavras, e não as pratica, será comparado a um homem estulto, que construiu sua casa sobre areia.

-27 - E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e feriram aquela casa, e ela ruiu, e foi grande a sua ruína.

Por ouvirmos a mensagem do Cristo, sem o necessário esforço para uma práxis consentânea, temos vivido estes dois milênios de expiações, angústias, inquietações e miséria espiritual. Faz-se mister que tomemos, com urgência, uma atitude para reverter este quadro, não só individualmente, como espíritas, mas no conjunto do próprio Movimento.

**Ler ESE CAP 9.

CONCLUSÃO

-28- E, finalizando Jesus este discurso, as multidões se estarreciam com seu ensino.

-29- Porque lhes ensinava como tendo autoridade, e não como os escribas.

A autoridade da palavra de Jesus nascia, espontaneamente, de sua estrutura espiritual. Nele não havia contradição entre palavra e ação. Uma refletia a outra, numa integração perfeita. Quando existe esta integração entre a teoria do bem e sua prática, o homem reconhece, sem necessitar de provas adicionais.

ANEXO 1

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

O SERMÃO DA PLANÍCIE

- 1 - Aconteceu que, naqueles dias, saiu ele para ir orar sobre o monte; e passou a noite toda em oração a Deus.

- 2 - Quando veio o dia, ele chamou a si seus discípulos, e selecionou doze dentre eles, aos quais denominou apóstolos:

Apostólous, significa mensageiro, enviado, legado; expedição naval.

- 3 - Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu;

- 4 - Mateus e Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado o Zelota;

Zeloutén, significa: pessoa zelosa ou entusiasta; membro de uma facção nacionalista judaica.

- 5 - Judas, filho de Tiago e Judas, o homem de Qeriôt, o traidor.

Iskarióuten, seguimos a tradução proposta por Claude Tresmontant (Evangile de

Luc - O.E.I.L - Paris, 1987). Aqui se iniciam as diferenças entre o Sermão de Mateus e o de Lucas. O primeiro coloca sua convocação para o apostolado, ver Mt 9,9-13, antes da escolha dos doze e após o sermão, ver Mt 10, 1-4. Lucas põe os dois eventos antes do sermão. Os apóstolos foram escolhidos em número de doze num simbolismo que representa as doze tribos de Israel, contudo, podemos vê-los como uma amostragem dos diversos tipos espirituais de que se compõe a Humanidade.

- 6 - E descendo com eles, parou num lugar plano, e um grande número dos seus discípulos e uma multidão de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sídon, haviam afluído para escutá-lo e serem curados de seus males; Enquanto Mateus diz que Jesus “subiu a um monte”, ver Mt 5, 1, Lucas afirma que ele estava descendo do monte. Eis o que escreve Pastorino (op. cit.) sobre o assunto: “Diz-nos Mateus que Jesus ‘subiu ao monte’ e lá falou: é a tradição de Jerusalém. Lucas, tradição de Antioquia, afirma que Jesus ‘desceu do monte a um lugar plano’ e aí ensinou. Contradição apenas aparente. Lucas dá-nos os pormenores, que Mateus resume. E absolutamente não se diz no terceiro Evangelho, que Jesus desceu à planície, mas apenas a um ‘lugar plano’, provavelmente na encosta do monte ainda, onde deparou a multidão que o esperava. Atendeu-a, e depois falou”.

- 7 - e aqueles que eram perturbados por espíritos impuros, eram curados.

Emoldóumenoí, significa: perturbado, molestado, afetado. Pneumátoun akathártoun, espíritos impuros, o Espiritismo descobriu que são entidades desencamadas, ainda presas a paixões e sentimentos criminosos, que interferem nas mentes dos que a eles se ligam por eventos infelizes, desta ou de outras vidas. Temos aí patologia obsessiva, que só veio ser comprovada, estudada e explicada pela

Doutrina Espírita, que possui a técnica terap de distúrbios mentais, de comportamento e físicos originam-se da atuação mento-magnética de espíritos desencarnados, em estado de desequilíbrio emocional, ou de perversão mental, sobre encarnados que se deixam envolver em seus fluidos deleténeos. A obsessão tem suas raízes no ódio, na paixão, no vício ou no crime. Em qualquer circunstância, porém, radica-se numa situação de afinidade entre obsessão e obsediado, em que o segundo, por invigilância ou remorso, abre sua mente à intromissão pemiciosa.

** Ler LM, cap. XXIII, NBO, “Prolegômenos”, NDM, MM, cap. XXIV, DI, cap. V.

- 8 - E toda a multidão procurava tocá-lo, porque uma força emanava dele e curava a todos.

Sobre “força”, ver comentário a Mt 7, 22. A energia magnética que irradiava de Jesus agia, poderosamente, sobre quem dele se aproximava, ou tocava, buscando a cura de seus males, restaurando-lhes, no ato, a saúde física ou mental.

** Ler G, cap. XIII a XV.

- 9 - Ele, alçando os olhos, falava aos seus discípulos: Felizes vós,

os pobres, pois vosso é o Reino de Deus.

Sobre “felizes”, ver comentário a Mt 5, 3.

Ile Basileía tou Theou, o Reino de Deus, significa a etapa evolutiva da Terra quando será implantada a Civilização Cristã. Politicamente teremos a abolição do Estado, como intuiu Marx sem a necessária profundidade, pois todos os Espíritos, tanto encarnados quanto os que vivem nas regiões espirituais da psicosfera terrestre, serão administrados apartir do Eu, então em consonância com a Lei, que é o próprio Deus, como diz “Sua Voz”: “A Lei é Deus. Ele é a grande alma que está no centro do universo. Não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração. Desse centro, Ele irradia e atrai, pois Ele é tudo: o princípio e suas manifestações. Eis como Ele pode - coisa inconcebível para vós - ser realmente onipresente” (GS, cap. VIII).

- 10 - Felizes vós, os que passais fome agora, porque sereis saciados. Felizes vós, os que chorais agora, por que ríreis.

- 11 - Felizes sois vós, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, vos injuriarem e repelirem vosso nome como maligno, por causa do Filho do homem.

- 12 - Regozijai-vos e exultai, nesse dia, porque será grande a vossa recompensa no céu; pois assim seus pais trataram os profetas.

Diferentemente de Mateus, Lucas apresenta apenas quatro afirmações de “felicidade”, resumindo as oito daquele. Da mesma forma suas sentenças são curtas, não possuindo os complementos do ex-publicano. Para Lucas, Jesus se dirige aos pobres da Terra, ou seja, a liberação do apego, do sentimento de posse, não importando a condição financeira, devemos ter em mente que o amigo e seguidor de Paulo escrevia em torno do ano 63 d.C., quando profundas alterações já haviam acontecido no movimento cristão.

Paulo dinamizara a disseminação da mensagem, defendendo o rompimento com as tradições judaicas do moisaísmo, conservando deste apenas os conceitos essenciais. Enquanto isso, sob a direção de Tiago, o irmão carnal de Jesus, a Comunidade do Caminho, sedia o Convertido de Damasco, e manter todo o movimento dentro das características Judeu-Cristãs, isto é uma mais absoluta submissão aos preceitos mais estritos do judaísmo. Por essa época, o Judeu-cristianismo caía na mais absoluta pobreza, por seguir ao pé da letra os ensinamentos de Jesus quanto à liberação radical de toda a posse material, o que o levou a ganhar o apodo de “ebionin”, ou “pobrezinhos”. Ao que tudo indica, Lucas simpatizava com esse despreendimento. Quanto a Mateus, nos filiamos à corrente dos que têm o seu Evangelho como o primeiro a ser escrito, pelo menos um primeiro trabalho um tanto diferente do texto que hoje possuímos, nisto concordamos com Emmanuel no seu “Paulo e Estevão”, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier; assim, vemos a sua versão das “Felicidades” como mais genuína.

- 13 - Contudo, ai de vós, os ricos, porque já tendes vossa consolação.

- 14 - Ai de vós, os que estais saciados agora, porque tereis fome. Ai

de vós, os que rides agora, porque sofrereis e choraris.

- 15 - Ai de vós, quando todos os homens vos elogiarem, porque assim seus pais fizeram com os falsos profetas. Os quatro "•" "paralizam as" "felicidades", são próprias, de Lucas, não ocorrendo em Mateus, e parecem ser oriundas de uma tradição não conhecida por este. Os críticos denominam a tradição difundida por Lucas de antioquena, porque derivada da comunidade cristã da cidade de Antioquia da Selêucia, enquanto Mateus seria o porta-voz da comunidade hierosolimitana. Também reforçam a radicalização de Lucas no colocar a pobreza material como virtude e a riqueza e bem estar neste mundo como fator impeditivo da espiritualização.

- 16 - Avós que me escutais, entretanto, vos digo: Amai aos vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam;

- 17 - abençoai aos que vos amaldiçoam e orai pelos que vos difamam~

- 18 - A quem te bater numa face, oferece-lhe, também, a outra; e àquele que quiser tomar-te a capa, não lhe recuses, igualmente, a túnica.

Airontós, usado por Lucas em contraste com o krithenai de Mateus que possuiu o sentido de demanda judicial, significa tomar a força, roubar, o que transforma o ensinamento dando-lhe a conotação de não resistência à violência física do furto, da espoliação coercitiva.

Hugh J. Schonfield (BEC, cap. sétimo) ressalta que Jesus procurava, também, com preceitos como este, orientar seus contemporâneos quanto a melhor forma de suportar a opressão romana: "O conselho então oferecido por Jesus brotava-lhe da profunda solicitude que sentia pelo bem do seu povo. As represálias dos terroristas (zelotas) aos malefícios só serviam para agravar-lhe os aniquilantes fardos, como de fato, acabaram, por fim, acarretando a destruição mesma do Estado Judaico. Assim, pois, concitava Ele aos seus compatriotas a se comportarem como verdadeiros filhos do Pai Celestial, o Qual determina ao Seu próprio sol que nasça, eqüitativamente, para os maus e para os bons

- 19 - Dá a quem te pedir, e não reclames de volta o que é teu, de quem to levou.

- 20 - E como desejais que os homens façam convosco, fazei-lhes também.

- 21 - E, se amais apenas aos que vos amam, qual o vosso mérito? pois os pecadores também amam aos que lhes amam.

- 22 - E, se fazeis o bem aos que vos fazem o bem, qual o vosso mérito? Os pecadores também fazem assim.

- 23 - E, se emprestais àquele de quem esperais receber, qual o vosso mérito? pois os pecadores também emprestam aos pecadores, para receberem de volta outro tanto.

- 24 - Porém, amai os vossos inimigos, fazei-lhes todo o bem, emprestai-lhes sem esperar restituição, e será grande a vossa recompensa; sereis filhos do Altíssimo, pois ele também é bom para com os ingratos e os maus.

- 25 - Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.

- 26 - Não julgueis, para que não sejais julgados; não condeneis, para que não sejais condenados. Absolvei, e sereis absolvidos.

Lucas reforção não julgamento como incoerente à absolvição, o que significa que devemos nos libertar de qualquer atitude de mágoa ou restrição para com aquele que tenha cometido qualquer ato infeliz por si mesmo ou contra nós.

- 27 - Dai, e se vos dará; e derramar-se-á em vosso regaço uma boa medida, comprimida, sacudida e transbordante; porque, com a mesma medida com que medis, sereis medidos, igualmente.

Kólpos, significa: seio, regaço; seio do mar; prega de um vestido; seio da Terra, os infernos; sinuosidade de um litoral, golfo; cavidade. Representava, comumente, a dobra formada por uma roupa solta, pendurada por cima de um cinto. Traduzimos "regaço".

- 28 - Ele lhes disse ainda uma parábola: Pode, acaso, um cego guiar outro cego? não cairão os dois num poço?

Em Mateus esta parábola se encontra no cap. 15, vers. 14, em outro contexto. 1 = 40 - O discípulo não é maior que o mestre; mas, uma vez que aprenda com perfeição, qualquer um será, para sempre, igual a seu mestre.

Em Mateus, este vers. se encontra no cap. 10, vers. 24.

- 29 - Porque vêes a lasca de madeira que está no olho de teu irmão, enquanto não enxergas a Viga que está em teu olho?

- 30 - Ou, como podes dizer a teu irmão: Irmão, deixa-me retirar a lasca de madeira que está em teu olho; quando não podes ver, tu mesmo, a viga que tens no teu? Hipócrita, retira, primeiro, a viga que está em teu olho; então, poderás enxergar com clareza para retirar a lasca de madeira que teu irmão tem no olho.

Sobre "lasca de madeira" e "viga", ver comentário a Mt 7,3-5.

- 31 - Não pode uma árvore ser boa, se produz maus frutos; nem uma árvore ser ruim, se produz bons frutos.

- 32 - Porque, cada árvore é conhecida pelo seu próprio fruto: não se colhem figos dos espinheiros, nem se colhem uvas dos abrolhos.

- 33 - O homem bom retira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o mau, retira coisas más do mau tesouro do seu coração. Porque, da abundância do coração é que fala a sua boca.

Em Mateus este vers. é desdobrado em dois a primeira parte se encontra no cap. 12, vers. 35; e a segunda, no mesmo cap., vers. 34.

- 34 - Porque me chamais: Senhor, Senhor, se não fazeis o que eu digo?

- 35 - Eu vos mostrarei com o que se assemelha aquele que vem a mim, escuta as minhas palavras e as põe em prática.

- 36 - Assemelha-se a um homem que, construindo uma casa, cavou bem fundo e assentou os alicerces sobre a rocha; e vindo uma inundaçã, o rio se esbateu contra aquela casa, e não pode abalá-la; porque estava fundada sobre rocha.

- 37 - Porém, aquele que escutou e não pratica, assemelha-se a um homem que construiu uma casa sobre a terra, sem alicerces, contra a qual se esbateu o rio e, imediatamente, ela caiu, e foi grande a ruína daquela casa.

Ver comentário a Mt 7, 27.

Posfácio

Embora não tenhamos o texto real do discurso pronunciado por Jesus, num monte nas cercanias do lago da (Jaliléia, os Evangelistas Mateus e Lucas foram realmente inspirados quando produziram suas versões dele. Em ambos os autores, encontramos uma síntese brilhante da mensagem do Cristo. Pastorino, no capítulo em que estuda o Sermão do Monte, no magistral estudo “Sabedoria do Evangelho”, diz com propriedade: “Penetramos, agora, num capítulo da Boa Nova, que todo cristão deveria lerdejoelhos~ diariamente, vivendo-o intensamente. Constitui um dos mais perfeitos, elevados e completos cursos de iniciação profunda. Se todos os livros de espiritualidade do mundo se perdessem, mas restasse apenas este trecho, bastaria ele para levar as criaturas à perfeição mais extremada, ao adepto mais avançado, levando-nos - se vivido integralmente - à libertação total dos ciclos reencarnatórios” (pags. 117-118, do 2~ volume). Huberto Rohden, em nota sobre o Sermão, em “AMensagem Viva do Cristo”, escreve: “Mateus sintetizou, neste chamado sermão da montanha, a doutrina místico-ética de Jesus, que os outros evangelistas reproduzem separadamente em ocasiões diferentes. Tão importante é esta “alma dos Evangelhos” que Mahatma Gandhi disse: ‘Se se perdessem todos os livros espirituais da humanidade e só se salvasse o sermão da montanha, nada estaria perdido’. Esas palavras de Jesus não foram por ele escogitadas, mas representam as experiências de sua própria vida, e por isto não podem ser devidamente compreendidas se não forem real O Dr. Martyn Lloyd-Jones (op. cit., pag. 15), discorre com propriedade que o Sermão do Monte objetiva todos os cristãos, tratando-se de uma perfeita representação da vida no reino de Deus. Diz que não possui qualquer dúvida de que Mateus colocou o Sermão do Monte no início do seu Evangelho, justamente por essa razão, pois existe uma concordância unânime de que ele escreveu esse Evangelho para os judeus, de forma especial, sendo o motivo da ênfase que dá ao reino dos céus. Os judeus tinham uma idéia distorcida, materialista, do reino. Para eles o Messias viria trazer a emancipação política. Queriam alguém que os libertasse do jugo impostos pelo Império Romano, assim, conceberam o reino como algo externo, mecânico, militarista e materialista. Por causa disso, Mateus apresentou a idéia correta sobre o reino, logo no princípio do seu Evangelho: o propósito desse sermão é o de fazer uma exposição dele como uma realidade puramente espiritual, mostrando que, antes de tudo, está no íntimo de todos, governando e controlando o coração, a mente e as atitudes de cada um. O reino não é algo que produz o poderio militar, mas que se destina aos “humildes de espírito”. “Em outras palavras, no sermão do Monte não nos érecomendado: ‘Vivei deste modo e vos tomareis cristãos’. Pelo contrário, somos ali ensinados: ‘Visto que sois cristãos, vivei deste modo’. E desse modo que os cristãos deveriam viver; assim é que se espera que eles vivam Religiosos de diversas tendências, além dos Espíritos Superiores que nos escrevem através das mãos abnegadas de tantos médiuns, e agora utilizando equipamentos eletrônicos sofisticados, colocam o Sermão do Monte como uma prioridade para todos nós.

Fim.